



Universidade de Brasília

GRAMÁTICA HISTÓRICA

do latim ao português brasileiro

Textos compilados, condensados e adaptados pelo Prof. Marcos Bagno com base em diversas obras, elencadas na bibliografia. Este material é de uso exclusivo em sala de aula, não podendo ser impresso, reproduzido, divulgado nem comercializado sem expressa autorização do compilador.

Brasília, 2007

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1. FONÉTICA HISTÓRICA	
1.0 Introdução	5
1.1 Vogais	5
1.2 Consoantes	6
1.3 Acento tônico	6
2. METAPLASMOS	
2.0 Introdução	8
2.1 Metaplasmos por acréscimo	9
2.2 Metaplasmos por supressão	9
2.3 Metaplasmos por transposição	10
2.4 Metaplasmos por transformação	10
2.5 Exercícios sobre metaplasmos	14
3. VOCALISMO	
3.0 Introdução	15
3.1 Vogais tônicas	16
3.2 Vogais átonas	16
3.3 Ditongos	17
3.4 Hiatos	18
4. CONSONANTISMO	
4.1 Introdução	20
4.2 Consoantes simples	21
4.3 Grupos consonantais	23
5. MORFOLOGIA HISTÓRICA	
5.1 Nomes	29
5.2 Verbos	32
6. ANALOGIA	
6.0 Introdução	39
6.1 Alguns fenômenos atribuídos à analogia	40
7. O PAPEL DOS SUBSTRATOS E SUPERSTRATOS	
7.1 Substrato ibérico e céltico	45
7.2 Superstrato germânico	46
7.3 Superstrato árabe	47
7.4 Conseqüências da Reconquista	49
8. FORMAÇÃO DO LÉXICO PORTUGUÊS	
8.0 Introdução	51
8.1 Palavras hereditárias	51
8.2 Empréstimos	53
8.4 Formas convergentes e divergentes	55
9. SINTAXE HISTÓRICA	57
BIBLIOGRAFIA	69
CADERNO DE ATIVIDADES	70

INTRODUÇÃO

Como introdução ao estudo da gramática histórica do português, convidamos você a ler atentamente os parágrafos abaixo, de autoria da lingüista portuguesa Esperança Cardeira, em que os processos de mudança lingüística são analisados sob a ótica contemporânea dos estudos sociolingüísticos:

Contar a história do Português é mostrar as mudanças linguísticas que lhe foram dando forma. Que as línguas mudam, é uma evidência: as dificuldades que encontramos na leitura de textos medievais revelam-nos como o Português Antigo era diferente do que ouvimos, falamos e escrevemos actualmente. E embora a mudança linguística seja frequentemente vista como uma espécie de decadência por muitos falantes que resistem à inovação, assumindo uma atitude de defesa da “pureza” da língua supostamente ameaçada, seja por um qualquer acordo ortográfico, por um novo dicionário ou pela influência das telenovelas, a verdade é que se o Português não tivesse sofrido mudanças ainda falaríamos como Afonso Henriques.

No processo de mudança linguística interagem dois tipos de condicionalismos: um interno à própria língua (inerente ao sistema linguístico) e um externo (extralinguístico). Se a língua se organiza como um sistema dinâmico em permanente busca do equilíbrio, as suas estruturas poderão ser, elas próprias, causadoras de mudança: oposições que não se revelem funcionais podem desaparecer, já que um princípio de economia tenderá a eliminar redundâncias, ou novas oposições podem ser criadas no sentido de preencher lacunas que um princípio de clareza necessária à comunicação tenderá a colmatar. Por outro lado, sendo a variação inerente à fala, uma ou mais variantes podem coexistir sem que haja mudança; mas esse estado de variação pode resolver-se se, dado um determinado conjunto de factores condicionantes, linguísticos e/ou extralinguísticos, uma das alternativas se impuser.

Circunstâncias históricas, mudanças sociais ou políticas podem também condicionar a mudança linguística. Uma causa externa de mudança linguística é, por exemplo, a fragmentação política: a formação de reinos na Península Ibérica — e a criação de fronteiras políticas — contribuiu grandemente para a constituição de fronteiras linguísticas e, portanto, para a fragmentação dialectal do Latim Hispânico, de que resultaram as várias línguas ibéricas.

Se a mudança atingir sistematicamente a língua, poderá, por sua vez, provocar novas mudanças. Modificações nas vogais latinas estão na origem de alterações que acabaram por criar uma nova série de consoantes. É assim que o Português, sendo, no limite, um dialecto do Latim, tem consoantes que não existiam naquela língua.

Todos estes factores — internos ou externos — não são propriamente **causas** mas **condições** de mudança linguística: a língua não muda porque se verificaram modificações na estrutura da sociedade, mas uma mudança no sistema social pode ser terreno propício para mudanças no sistema linguístico. São factores que funcionam como seleccionadores de inovações, como condições e limites da criatividade linguística em determinada época. Ou seja, condicionam o como da mudança, mas não explicam o porquê. Por que muda a língua? A resposta a esta questão deve procurar-se nas características do próprio sistema linguístico: um sistema aberto, sempre em elaboração. Se a função da língua é permitir a comunicação entre os seus utentes, dois requisitos terão de ser cumpridos: continuidade e adequação às necessidades dos falantes. Dito de outro modo: a

mudança justifica-se pela necessidade de comunicação. A língua muda porque mudaram as necessidades expressivas dos falantes, mas não pode mudar tanto que a comunicação fique afectada. Em última análise, a língua muda porque é um sistema em perpétua adaptação às necessidades das comunidades que a utilizam e essas necessidades também mudam.

Se as circunstâncias históricas, sociais e culturais mudam — em algumas épocas paulatinamente, em outras quase abruptamente —, as necessidades expressivas dos falantes também se modificarão. E a língua (melhor: uma determinada gramática da língua) pode deixar de servir as necessidades dos seus utentes. Envelhece, portanto. Envelhecer, no caso da língua, não conduz à morte mas à mudança. Cada nova fase da língua consiste não só na inovação, mas essencialmente na selecção de variantes que já existem na língua. Aceites por um determinado grupo socialmente prestigiado, as variantes seleccionadas serão generalizadas a toda a comunidade. Constitui-se, assim, um novo estágio de evolução da língua, cuja “estabilidade” sofrerá novos e perpétuos sobressaltos. Mas porque a língua procura esses patamares de estabilidade, o resultado de cada mudança linguística será sempre tendencialmente a constituição de uma norma, de um sistema organizado que, fatalmente, se tornará arcaico quando uma nova norma se afirmar.

Esperança Cardeira, *O essencial sobre a história do português*. Lisboa, Editorial Caminho, 2005, p. 13-15.

1. FONÉTICA HISTÓRICA

1.0 Introdução

A **fonética** é a disciplina lingüística que estuda e classifica os elementos mínimos da linguagem articulada (fones, sons da fala) em sua realização concreta. A **fonética histórica** estuda a evolução desses elementos ao longo do tempo.

Os sons da fala se classificam em três grupos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais são os sons produzidos pela corrente de ar expirada dos pulmões que, fazendo vibrar as cordas vocais, ganha a cavidade bucal e se escoia livremente. **Semivogais** são os sons [ɥ] e [w], quando formam sílaba com uma vogal. São caracterizados pelo timbre, próprio das vogais, e pelo ruído, próprio das consoantes.

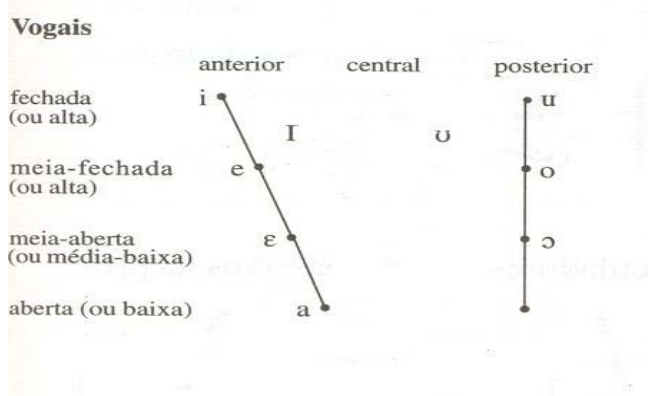
Consoantes são os sons produzidos pela corrente de ar expirada dos pulmões que, fazendo ou não vibrar as pregas vocais, é interceptado na cavidade bucal por um obstáculo.

1.1 Vogais

As vogais são classificadas conforme:

- | | |
|--|--|
| a) o papel das cavidades bucal e nasal | {
orais: /a/, /e/, /ɨ/, /i/, /o/, /ɔ/, /u/
nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/ |
| b) o ponto de articulação | |
| | {
média: /a/
anteriores: /e/, /ɨ/, /i/
posteriores: /o/, /ɔ/, /u/ |
| c) o timbre | {
abertas: /a/, /ɔ/, /ɒ/
fechadas: /e/, /i/, /o/, /u/
reduzidas: /a/, /ɨ/, /ɪ/ |
| | |
| | |

Os encontros vocálicos são de três tipos: **ditongo**, **tritongo** e **hiato**. O **ditongo** é a combinação de uma vogal mais uma semivogal ou vice-versa, na mesma sílaba: *pai*, *rei*, *fui*, *herói*, *quando*. O **tritongo** é o conjunto de **semivogal** + **vogal** + **semivogal** formando uma só sílaba: *iguais*, *averigüei*, *saguão*, *quão*. O **hiato** é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões de voz, formando sílabas diferentes: *saúde*, *aorta*, *ciúme*, *vôo*, *crêem*.



Distribuição das vogais do português no espaço fonológico

A observação da figura acima é importante para se perceber, por exemplo, que a passagem de *ai* > *ei* é um caso de aproximação de timbre, um metaplasma chamado **assimilação**. O mesmo se diga quando entre as posteriores temos a passagem *au* > *ou*. Exemplos: *iactu* > *jacto* > *jaito* > *jeito*; *auru* > *auro* > *ouro*. Note-se que neste último exemplo o processo de assimilação seguiu adiante, o que explica a pronúncia [o] do ditongo que a ortografia ainda representa como OU em *ouro*, *pouco*, *dou* etc.

1.2 Consoantes

Classificação das consoantes do português

Articulação								
Maneira	Lugar	Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	desv voz	p b		t d			k g	
Africada	desv voz				tʃ dʒ			
Fricativa	desv voz		f v	s z	ʃ ʒ		x ɣ	h ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ (ỹ)		
Tepe	voz			ɾ				
Vibrante	voz			ʀ				
Retroflexa	voz			ɻ				
Lateral	voz			l (ɭ)		ʎ (ʟ)		

Tabela: Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português

Fonte: Thaís Cristóvão Silva, *Fonética e fonologia do português*. São Paulo, Contexto, 1999, p. 37

Para os estudos históricos da língua, é importante ressaltar a correspondência entre as consoantes desvozeadas (surdas) e as suas homorgânicas vozeadas (sonoras):

DESVOZEADAS	VOZEADAS
/p/	/b/
/t/	/d/
/k/	/g/
/f/	/v/
/s/	/z/

1.3 Acento tônico

O acento tônico é a maior inflexão da voz com que se pronuncia determinada sílaba de uma palavra. Na transformação do latim em português, a regra geral é a permanência da sílaba tônica.

No **latim clássico**, a posição do acento tônico dependia da quantidade das sílabas: não existiam palavras oxítonas; os dissílabos eram paroxítonos; os polissílabos tinham acento na penúltima sílaba se ela fosse longa (*amātur*) e na antepenúltima sílaba, se fosse breve (*legīmus*). No **latim vulgar**, perdeu-se a noção de quantidade, substituída

pelo acento de **intensidade**. As vogais, que eram longas e breves, passaram a ser átonas e tônicas.

No entanto, duas constantes presidiram a passagem do acento do latim clássico para o vulgar:

1. Nas palavras proparoxítonas cuja última sílaba tinha um encontro consonantal formado de uma oclusiva + /r/, o acento tônico sofria diástole (isto é, deslocamento do acento tônico para a sílaba posterior): *cáthedram* > *cathédra* > *cadeira*; *ténebras* > *tenébras* > *trevas*.

2. Ocorria diástole sempre que havia um hiato com /i/ tônico: *paríetem* > *pariétém* > *parede*; *mulíerem* > *muliére* > *mulher*.

Em português, o acento tônico é o mesmo dos vocábulos do latim falado corrente.

2. METAPLASMOS

2.0 Introdução

Um **metaplasmo** é uma mudança na estrutura de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta. Na mudança do latim em português é possível detectar alguns metaplasmos que agiram com regularidade nessa transformação.

Os metaplasmos podem ser de quatro tipos:

1. por acréscimo
2. por supressão
3. por transposição
4. por transformação

2.1 Metaplasmos por acréscimo

2.1.1 Prótese e aglutinação

A **prótese** é o acréscimo de um segmento sonoro no **início** da palavra: *stare* > *estar*; *spiritu* > *espírito*; *scutu* > *escudo*.

Um caso especial de prótese é a **aglutinação**: incorporação do artigo no início da palavra: *lacuna* > *alagoa*; *minacia* > *ameaça*.

A prótese é fenômeno constante na língua. Em diversas variedades do português brasileiro, por exemplo, é comum encontrarmos palavras acrescidas de um *a*- protético: *voar* > *avoar*; *lembrar* > *alembiar*; *sentar* > *assentar*; *repugnar* > *arripunar*; *pois* > *apois* etc. Muitos desses vocábulos são também formas arcaicas e clássicas conservadas em dialetos regionais.

2.1.2 Epêntese

A **epêntese** é o acréscimo de um segmento sonoro no **meio** da palavra: *stella* > *estrela*; *humile* > *humilde*; *úmeru* > *ombro*.

Uma modalidade particular de epêntese é o **suarabácti** (ou **anaptixe**), a intercalação de uma vogal para desfazer um grupo de consoantes: *planu* > *prão* > *porão*; *blatta* > *brata* > *barata*; *kruppa* (germânico) > *grupa* > *garupa*.

Ocorrem diversos casos de epêntese na língua atual. Para recuperar o padrão silábico CV (consoante + vogal), é comum a inserção de um /i/ ou de um /e/ depois da consoante chamada “muda”: *pneu* > *p[i]neu* ~ *p[e]neu*; *football* > *futebol*; *advogado* > *ad[i]vogado* ~ *ad[e]vogado*.

Em diversas variedades atuais do português brasileiro ocorrem casos de suarabácti: *trem* > *terém*; *Clemente* > *Quelemente*; *Glória* > *Gulória*; *flor* > *fulô*.

2.1.3 Paragoge

A **paragoge** (ou **epítese**) é o acréscimo de um segmento sonoro no **final** da palavra: *ante* > *antes*.

No aportuguesamento de vocábulos estrangeiros, é comum a paragoge, para evitar que a palavra termine em consoante: *club* > *clube*; *surf* > *surfe*; *chic* > *chique*. Em diversas variedades do Brasil e (sobretudo) de Portugal, é comum a ocorrência de um [ɐ] paragógico em palavras terminadas em /l/ ou /r/: *sol* > *sol[ɐ]*; *cantar* > *cantar[ɐ]*; *mar* > *mar[ɐ]*.

2.2 Metaplasmos por supressão

2.2.1 Aférese e deglutinação

A **aférese** é a supressão de um segmento sonoro no **início** da palavra: *acume* > *gume*; *attonitu* > *tonto*; *episcopu* > *bispo*.

Caso especial de aférese é a **deglutinação**, supressão de um *a* ou *o* inicial por confusão com o artigo: *horologiu* > *orologiu* > *relógio*; *apotheca* > *abodega* > *bodega*.

A aférese ocorre com frequência em diversas variedades do português brasileiro atual: *imaginar* > *maginar*; *agüentar* > *güentar*; *alcagüete* > *cagüete*.

2.2.2 Síncope

A **síncope** é a supressão de um segmento sonoro no **meio** da palavra: *legale* > *leal*; *legenda* > *lenda*; *malu* > *mau*.

Ocorreram muitos casos de síncope regular na passagem do latim para o português, como veremos mais adiante.

Uma modalidade de síncope é a **haplologia**, supressão da primeira de duas sílabas sucessivas iniciadas pela mesma consoante: *bondade* + *-oso* = *bondadoso* > *bondoso*; *trágico* + *comédia* = *tragicocomédia* > *tragicomédia*; *formica* + *-cida* = *formicicida* > *formicida*; *dedo* + *duro* + *-ar* = *dedodurar* > *dedurar*.

2.2.3 Apócope

A **apócope** é a supressão de um segmento sonoro no **fim** da palavra: *mare* > *mar*; *amat* > *ama*; *male* > *mal*.

Um caso de apócope muito difundido no português brasileiro é o da supressão da consoante /r/ em final de palavra, sobretudo de infinitivos verbais: *cantar* > *cantá*; *vender* > *vendê*; *sair* > *saí*.

2.2.4 Crase

A **crase** é a fusão de duas vogais iguais em uma só: *pede* > *pee* > *pé*; *colore* > *coor* > *cor*; *nudu* > *nuu* > *nu*. É um recurso para a eliminação do hiato.

Na língua atual ocorrem alguns casos de crase: *cooperar* > *coperar*; *álcool* > *alco*; *caatinga* > *catinga*; *feilíssimo* > *feíssimo*.

2.2.5 Sinalefa

A **sinalefa** ou **elisão** é a queda da vogal final de uma palavra, quando a palavra seguinte começa por vogal: *de + intro* > *dentro*; *de + ex + de* > *desde*; *outra + hora* > *outrora*.

A sinalefa é fenômeno extremamente comum na fala corrente, em que os elementos da cadeia falada se aglutinam: *O Pedr'ê um car'alegr'inteligen'te generoso*. Quando algumas dessas aglutinações se tornam regulares e se *gramaticalizam*, ocorre o surgimento de palavras novas.

2.3 Metaplasmos por transposição

Os metaplasmos por transposição podem ocorrer por deslocamento de um segmento sonoro ou pelo deslocamento do acento tônico da palavra.

2.3.1 Metátese e hipértese

A **metátese** é a transposição de um segmento sonoro na mesma sílaba: *pro* > *por*; *semper* > *sempre*; *inter* > *entre*.

A **hipértese** é a transposição de um segmento sonoro de uma sílaba para outra: *capio* > *caibo*; *primariu* > *primairu* > *primeiro*; *fenestra* > *feestra* > *fresta*.

Esses fenômenos de transposição ocorrem com frequência na língua atual: *iogurte* > *iorgute*; *lagarto* > *largato*; *estupro* > *estrupe*; *tábua* > *tauba*; *dormir* > *dromir*; *vidro* > *vrido*; *prateleira* > *parteleira*.

2.3.2 Hiperbibasmo (sístole e diástole)

O **hiperbibasmo** é o deslocamento do acento tônico.

Quando o acento recua para a sílaba anterior, tem-se a **sístole**: *pantânu* > *pântano*; *campâna* > *campa*; *idôlu* > *ídolo*; *erâmus* > *éramos*.

Quando o acento recua para a sílaba posterior, tem-se a **diástole**: *límite* > *limite*; *océanu* > *oceano*; *gémitu* > *gemido*; *íntegru* > *inteiro*.

Esses fenômenos de transposição do acento tônico ocorrem com frequência na língua atual: *refêm* > *réfem*; *clitóris* > *clitoris*; *rubrica* > *rúbrica*; *pudico* > *púdico*. Na gramática prescritiva essas transposições recebem o nome de “silabada”.

2.4 Metaplasmos por transformação

2.4.1 Vocalização

Transformação de uma consoante em vogal: *nocte* > *noite*; *regnu* > *reino*; *multu* > *muito*; *absentia* > *ausência*; *factu* > *feito*.

2.4.2 Consonantização

Transformação de uma vogal em consoante. Ocorreu amplamente na transformação das semivogais latinas *i* e *u* nas consoantes *j* e *v* do português: *iam* > *já*; *ieiunu* > *jejum*; *Hieronymu* > *Jerônimo*; *Iesus* > *Jesus*; *uacca* > *vaca*; *uita* > *vida*.

2.4.3 Nasalização e desnasalização

Nasalização é a transformação de um segmento oral em nasal: *nec* > *nem*; *mihi* > *mi* > *mim*; *sic* > *sim*.

Ocorreu nasalização em muitas palavras que em latim apresentavam o grupo inicial *ex-*, transformado em *enx-* ou *ens-*: *exagiu* > *ensaio*; *exame* > *enxame*; *exiectare* > *enjeitar*; *exucare* > *enxugar*. Essa tendência prossegue nos dias atuais: muitos falantes pronunciam *exame* como “inzami”, *exigente* como “inzigenti” e *exemplo* como “inzemplo” ou “inzempro”, forma que existia, aliás, na fase arcaica da língua.

A **desnasalização** é o fenômeno inverso, em que um segmento nasal passa a oral: *luna* > *lũa* > *lua*; *corona* > *corõa* > *coroa*; *persona* > *pessõa* > *pessoa*.

2.4.4 Sonorização

A **sonorização** (ou **abrandamento**) é a transformação de uma consoante surda na consoante sonora homorgânica. As consoantes latinas /p, t, k, f, s/ quando mediais intervocálicas se sonorizaram regularmente em português em /b, d, g, v, z/: *lupu* > *lobo*; *uita* > *vida*; *caecu* > *cego*; *profectu* > *proveito*; *acutu* > *agudo*; *acetu* > *azedo*; *vicinu* > *vizinho*.

Também ocorreu o abrandamento /b/ > /v/, classificado de **degeneração**: *rabia-* > *raiva*; *rubeu-* > *ruivo*; *arbore* > *árvore*.

Um caso especial de abrandamento (**lenização**) ocorre atualmente no português europeu (e também no galego e no espanhol) quando as consoantes /b, d, g/, em posição intervocálica ou antes de /r/, são pronunciadas [β, ð, ɣ] respectivamente. Esse fenômeno não ocorre no português brasileiro.

2.4.5 Palatização

Palatização ou **palatalização** é a transformação de um ou mais segmentos numa consoante palatal. O latim não possuía consoantes palatais. As que existem no português são, portanto, resultantes dessas transformações:

[ne, ni] + vogal > /ɲ/ (grafada **NH**): *vinea* > *vinha*
aranea > *aranha*
seniore > *senhor*
iuniu > *junho*

[le, li] + vogal > /ʎ/ (grafada **LH**): *palea* > *palha*
folia > *folha*
juliu > *julho*
filiu > *filho*

[de, di] + vogal > /j/ (grafada J):	<i>video</i> > <i>vejo</i> <i>hodie</i> > <i>hoje</i> <i>invidia</i> > <i>inveja</i> <i>adiutare</i> > <i>ajudar</i>
[pl, kl, fl] > /tʃ/ (grafada CH): pronúncia atual: /tʃ/	<i>pluvia</i> > <i>chuva</i> <i>implere</i> > <i>encher</i> <i>clave</i> > <i>chave</i> <i>flamma</i> > <i>chama</i> <i>inflare</i> > <i>inchar</i> <i>plumbu</i> > <i>chumbo</i>
[kl, pl, gl, tl] mediais > /ɲ/ (grafada LH):	<i>oculu</i> > <i>oclu</i> > <i>olho</i> <i>apicula</i> > <i>apecla</i> > <i>abelha</i> <i>scopulu</i> > <i>scoplo</i> > <i>escolho</i> <i>tegula</i> > <i>tegla</i> > <i>telha</i> <i>vetulu</i> > <i>vetlu</i> > <i>velho</i>
[ske, ski, se, si] > /x/ (grafada X):	<i>pisce</i> > <i>peixe</i> <i>passione</i> > <i>paixão</i> <i>miscere</i> > <i>mexer</i> <i>russeu</i> > <i>roxo</i>
[si] + vogal > /j/ (grafada J):	<i>basium</i> > <i>beijo</i> <i>caseum</i> > <i>queijo</i> <i>cerevisia</i> > <i>cerveja</i> <i>ecclesia</i> > <i>igreja</i>

2.4.6 Assibilação

Transformação de um ou mais segmentos sonoros numa consoante sibilante: *capitia* > *cabeça*; *audio* > *ouço*; *judiciu* > *juízo*. Observe-se que todos esses casos de assibilação se deveram à presença de um iode subsequente à consoante que se assibilou.

2.4.7 Assimilação e dissimilação

A **assimilação** é a mudança de um segmento sonoro num segmento igual ou semelhante a outro existente na mesma palavra: *ipso* > *isso*. Fenômeno muito importante na história do português, a assimilação pode ser **total**, **parcial**, **progressiva** e **regressiva**.

A assimilação é **total** quando o som assimilado se iguala ao som assimilador:

persona > *persooa*
persicu > *persesego*
mirabilia > *maraviliha*
per + *lo* > *pello* > *pelo*

É **parcial** quando o som assimilado apenas se assemelha ao assimilador:

auru > *ouro*
lacte > *laite* > *leite*

paucu > pouco

É **progressiva** quando o som assimilador está **antes** do assimilado:

amam-lo > amam-no

É **regressiva** quando o som assimilador vem **depois** do assimilado:

captare > cattar > catar

Processos assimilatórios ocorrem também na língua atual. Nas variedades brasileiras em que se usa o pronome *tu*, ocorre a assimilação de *-st-* em *-ss-*: *viste > visse; fizeste > fizesse; foste > fosse*. Essa mesma assimilação explica a redução do par *este/esse* (e flexões) a *esse* (e flexões). Os ditongos ainda grafados *ou* e *ei* também se reduziram, por assimilação, a [o] e [e], respectivamente: *pouco > p[o]co; roupa > r[o]pa; cheiro > ch[e]ro; beijo > b[e]jo* etc. Em algumas variedades específicas, também o ditongo *au* se reduz a [o]: *saudade > s[o]dade; Aurélio > [o]rélio*.

A **dissimilação** é a diferenciação de um segmento sonoro, devida quase sempre à existência de outro igual ou semelhante na palavra: *liliu > lírio; memorare > membrar > lembrar; rotundo > rodondo > redondo; locusta > logosta > lagosta; colonello > coronel*.

A dissimilação pode, às vezes, resultar na supressão de um segmento (dissimilação eliminadora), quase sempre a vibrante /r/: *aratra > arado; cribru > crivo; rostru > rosto*. Esse tipo de dissimilação ocorre também nas pronúncias atuais (dialetais) *próprio, registo* (culto no português europeu).

No português europeu atual, é norma de prestígio a dissimilação do ditongo grafado *ei*, pronunciado [a□]: *jeito > j[a□]to; deixo > d[a□]xo*.

Convém registrar que os casos de assimilação são incomparavelmente mais freqüentes e regulares na história da língua do que os casos de dissimilação.

2.4.8 Apofonia e metafonia

A **apofonia** (*Ablaut*) é a mudança de timbre de uma vogal por influência de um prefixo: *in + aptu > inepto; in + barba > imberbe; sub + jactu > sujeito*. É fenômeno que remonta à formação da língua latina, não tendo ocorrido na transformação do latim em português.

A **metafonia** (*Umlaut*) é a mudança do timbre de uma vogal por influência do timbre da vogal ou semivogal seguintes: *totu > tudo; feci > fizi > fiz; décima > dízima*.

A metafonia pode ocorrer no singular, no masculino e na 1ª pessoa do indicativo, enquanto no plural, no feminino e na 2ª e 3ª pessoas do indicativo se conserva o timbre original latino:

jocu > jogo; focu > fogo, mas jocos > jogos; focos > fogos
porcu > porco; soceru > sogro, mas porca > porca; socera > sogra
texo > teço; verto > verto, mas txis > teces; vertis > vertes

2.5 Exercícios sobre metaplastmos

Dê o nome das seguintes transformações fonéticas, conforme o modelo:

- | | |
|------------------------------------|--|
| 1. dolore > dolor > door > dor | 17. civitate > cividade > ciidade > cidade |
| a) apócope (queda do -e final) | a)..... |
| b) síncope (queda do -l- medial) | b)..... |
| c) crase (fusão de -oo- em -o-) | c)..... |
| | d)..... |
| 2. veritate > veridade > verdade | 16. flagrar- > chagrar > chairar > cheirar |
| a)..... | a)..... |
| b)..... | b)..... |
| 3. oculu > oculo > olho | c)..... |
| a)..... | 15. animalia > alimalia > alimária |
| b)..... | a)..... |
| 4. lupu > lopo > lobo | b)..... |
| a)..... | 14. solitariu > soltario > soltairo > solteiro |
| b)..... | a)..... |
| 5. você > voze > voz | b)..... |
| a)..... | c)..... |
| b)..... | 15. tépidu > tébido > tébio > túbio |
| 6. acume > agume > gume | a)..... |
| a)..... | b)..... |
| b)..... | c)..... |
| 7. macula > macla > malha | 16. rabia > ravia > raiva |
| a)..... | a)..... |
| b)..... | b)..... |
| 8. íntegru > intégro > inteiro | 17. pópulu > pobolo > poboo > pobo > povo |
| a)..... | a)..... |
| b)..... | b)..... |
| 9. dícere > dicére > dicer > dizer | 18. plenu > plêo > pleo > cheo > cheio |
| a)..... | a)..... |
| b)..... | b)..... |
| c)..... | 19. credo > creio > creio |
| 10. bonitate > bonidade > bondade | a)..... |
| a)..... | b)..... |
| b)..... | |

3. VOCALISMO

3.0 Introdução

Vocalismo é o estudo da evolução dos fonemas vogais na mudança lingüística do latim para o português.

O **latim clássico** tinha cinco vogais: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/. Segundo a **quantidade**, elas podiam ser breves ou longas. A essas diferenças de quantidade estavam associadas diferenças de **timbre**:

ě ĭ ǫ ŭ — breves e abertas
ē ī ō ū — longas e fechadas

O /a/, breve ou longo, tinha o mesmo timbre.

No **latim vulgar**, desapareceu a oposição quantitativa, e as vogais passaram a se diferenciar apenas pelo **timbre**, isto é, abertas e fechadas. No entanto, em toda a România, o **i** aberto se confundiu com o **e** fechado, e o **u** aberto se confundiu com o **o** fechado. Desse modo, as dez vogais do latim clássico (cinco breves e cinco longas) se reduziram no latim vulgar a sete, conforme o quadro abaixo:

L. CLÁSSICO	L. VULGAR
ă	a
ā	
ě	□
ē	
ĭ	e
ī	
ǫ	□
ō	
ŭ	o
ū	
	u

Como se pode perceber, o português conservou o mesmo quadro de vogais do latim vulgar, ao contrário de outras línguas românicas, como o espanhol (que não tem as vogais abertas) e o francês (que apresenta um quadro mais amplo do que esse, com a inclusão de vogais médias centrais como /y/, /ø/, /œ/).

Para o estudo do vocalismo, é indispensável a distinção entre vogais **tônicas** e vogais **átonas**.

3.1 Vogais tônicas

As vogais tônicas sofreram apenas as alterações já vistas no quadro acima. Elas se mantiveram, na passagem do latim ao português, em virtude de sua tonicidade — é a chamada “lei da persistência da sílaba tônica”.

L. CLÁSSICO	L. VULGAR	PORTUGUÊS
āquam pācem	a	água paz
nēbulam	□	névoa
secrētum cīsta	e	segredo cesta
rīvum	i	rio
rōtam	□	roda
sapōrem būccam	o	sabor boca
secūrum	u	seguro

3.2 Vogais átonas

As vogais átonas, quanto à sua posição na palavra, se classificam em **pretônicas** e **postônicas**, conforme estejam antes ou depois da sílaba tônica. As vogais pretônicas podem ser iniciais ou mediais, enquanto as postônicas são mediais ou finais:

MA	TE	MÁ	TI	CA
pretônica inicial	pretônica medial	tônica	postônica medial	postônica final

As **pretônicas iniciais** permaneceram ou sofreram aférese:

amicu > *amigo* *acutu* > *agudo* *episcopu* > *bispo* *acume* > *gume*

As **pretônicas mediais** sofreram síncope:

bonitate > *bondade* *honorare* > *honrar* *computare* > *contar*

As **postônicas mediais** adjacentes à tônica sofreram, em geral, síncope, devido à tendência dos falantes de português a evitar (até hoje) as proparoxítonas:

víride > *verde* *lépore* > *lebre* *ópera* > *obra* *régula* > *regra*

Quanto às **postônicas finais**:

- a) *i* e *u* das palavras latinas passaram respectivamente a *e* e *o*: *vivi* > *vive*; *vesti* > *veste*; *lupu* > *lobo*; *libru* > *livro*. Na língua medieval, essas vogais finais eram pronunciadas /e/ e /o/, mas no período clássico da língua sofreram alçamento e passaram a ser pronunciadas /□/ e /□/, pronúncia que é a normal do português brasileiro. No português europeu o -e final passou a ser pronunciado como um schewá /ə/.

vadi(t) > vai

(2) **vocalização:** *nocte > noite*
regnu > reino
absentia > ausência
conceptu > conceito

(3) **metátese:** *primariu > *primairo > primeiro*
*denariu > *dñairo > dinheiro*
rabia > raiva
capio > caibo

(4) **epêntese** (de uma vogal para desfazer hiato): *arena > area > areia*
credo > creo > creio
frenu > frêo > freio

(5) **oclusão** (fechamento da segunda vogal do hiato, com desaparecimento do hiato):
malu > mao > mau
velo > veo > véu
amatis > amades > amaes > amais

O ditongo final *ão* /ãõ/, tão característico do português moderno, representa a transformação das formas arcaicas *-am*, *-ã*, *-om*, *-õ*, correspondentes às terminações latinas *-anu*, *-ane*, *-one*, *-ine*, *-unt*, *-um*, *-on*, *-ant*, *-a(d)unt*:

veranu > verão
pane > pão
oratione > oração
paganu > pagão
cane > cão
solitudine > solidão
dant > dão
sunt > são

3.4 Hiatos

Desde a fase arcaica da língua, o português apresenta uma notável tendência à eliminação dos hiatos. Os hiatos se desfizeram sob diferentes condições na história da língua:

(1) **crase:** *vedere > veer > ver*
tenere > teer > ter
magistre- > maestre > meestre > mestre
mala > maa > má
populu > poboo > povo

(2) **oclusão:** *caelu > ceo > céu*
ego > eo > eu

velu > veo > véu

(3) **epêntese:** *plenu > cheo > cheio*
arena > area > areia
tela > tea > teia

(4) desenvolvimento da palatal /ç/: *vinu > vïo > vinho*
mea > mïa > minha

4. CONSONANTISMO

4.0 Introdução

O latim clássico apresentava as seguintes consoantes:

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	desv	p		t			k	
	voz	b		d			g	
Africada	desv							
	voz							
Fricativa	desv		f	s				h
	voz							
Nasal	voz	m		n				
Tepe	voz			r				
Vibrante	voz							
Retroflexa	voz							
Lateral	voz			l				

Nesse quadro se incluem também as semivogais /w/ e /y/. Como se pode notar, comparando essa tabela com a das consoantes do português vista mais acima, o sistema consonantal do português é muito mais rico em fonemas consonantais do que o do latim clássico. Faltavam ao latim todas as consoantes das séries palatal e alveopalatal, além das fricativas sonoras /v/ e /z/. Por outro lado, as consoantes latinas podiam ser longas, caso em que eram grafadas duplamente: *ager* (“campo”) se distinguia de *agger* (“materiais amontoados, montão de terra”). Muitas dessas consoantes “geminadas” eram resultantes de processos de assimilação: *sub* + *ferre* > *subferre* > *sufferre*; *ad* + *captare* > *adceptare* > *acceptare*; *in* + *ludere* > *inludere* > *illudere* etc. Na formação dos romances, a distinção entre consoante simples e consoante dupla se perdeu, por ter pouco rendimento fonológico (isto é, por não ser fundamental na distinção de palavras de sentido diferente). Somente o italiano e o sardo conservam até hoje consoantes duplas em seus sistemas fonêmicos: cf. italiano: *note* (“notas”) e *notte* (“noite”).

No tocante à forma escrita, a letra **V** latina era simplesmente a forma maiúscula do **u** e não a consoante /v/, que o latim não possuía. É por isso que, em muitos monumentos de arquitetura neoclássica, é comum encontrarmos um **V** no lugar de um **U** (FORVM ou TEATRO MVNICIPAL).

Convém recordar que a aspiração indicada pela letra **H** em latim logo se perdeu, razão pela qual ela sobrevive hoje, na maioria das línguas românicas, como mero indicador da etimologia da palavra. A letra **C** latina tinha sempre o som /k/ (*Cicero* [kikero]), e só na fase de formação dos romances ela sofreu influência das vogais /e/ e /i/ subsequentes e passou por diversas etapas fonológicas até se tornar a sibilante /s/ que tal letra representa hoje em português diante de /e/ e /i/ como no nome próprio *Cecília*. O mesmo se diga da letra **G** do latim, que era sempre pronunciada /g/ e passou por diversas transformações, em português, até se transformar, diante de /e/ e /i/, na palatal simples /ç/ como na palavra *gengibre*.

Para representar sons da língua grega que não existiam no latim, a escrita latina criou letras novas ou adaptou algumas de suas letras:

- a) **ph, th, ch, rh** inicialmente não eram dígrafos: o **h** ali representado indicava uma aspiração que se seguia à primeira consoante, fenômeno fonético inexistente em latim. Mais tarde é que a aspiração se fundiu com a oclusão (caso do **ph** que passou a ser pronunciado [f]) ou desapareceu (caso do **th** que passou a ser pronunciado simplesmente [t], do **ch**, pronunciado [k] e do **rh** pronunciado [r]);
- b) o **y** foi usado pelos latinos para transcrever palavras gregas que tinham a vogal central alta arredondada que se representa em francês como **u** e em alemão como **ü**. Posteriormente, essa vogal passou a ser pronunciada como um simples /i/;
- c) o **z** representava a consoante grega ζ, pronunciada [dz]; na evolução do latim vulgar para as línguas românicas, essa letra passou a representar a sibilante sonora [z] (português, francês), permaneceu como [dz] em italiano (ou [ts] quando escrita

geminada: **zz** (*pizza* [pitsa]) e se tornou, em castelhano-padrão e galego, a interdental /θ/ (que a ortografia do inglês representa como *th* em *think*).

4.1 Consoantes simples

Segundo a posição que ocupam na palavra, as consoantes podem ser iniciais, mediais e finais.

4.1.1 Consoantes iniciais

Como regra geral, as consoantes iniciais do latim se mantiveram inalteradas no português:

<i>bene</i> > <i>bem</i>	<i>gutta</i> > <i>gota</i>	<i>patria</i> > <i>pátria</i>
<i>corona</i> > <i>coroa</i>	<i>latrone</i> > <i>ladrão</i>	<i>rota</i> > <i>roda</i>
<i>debere</i> > <i>dever</i>	<i>manu</i> > <i>mão</i>	<i>salute</i> > <i>saúde</i>
<i>filiu</i> > <i>filho</i>	<i>navigiu</i> > <i>navio</i>	<i>tale</i> > <i>tal</i>

Há, no entanto, exceções: *cattu* > *gato*; *palore* > *bolor*; *libelu* > *nível*; *vesica* > *bexiga*; *vota* > *boda* etc. Algumas dessas mudanças já tinham ocorrido no latim; outras se devem a fatores diversos, como assimilação, analogia ou empréstimo lingüístico.

4.1.2 Consoantes mediais

(1) As consoantes mediais **surdas**, em posição intervocálica, se transformaram em suas homorgânicas sonoras:

p > b →	<i>ripa</i> > <i>riba</i>	<i>lupu</i> > <i>lobo</i>	<i>sapere</i> > <i>saber</i>
t > d →	<i>vita</i> > <i>vida</i>	<i>rota</i> > <i>roda</i>	<i>mutu</i> > <i>mudo</i>
k > g →	<i>focu</i> > <i>fogo</i>	<i>pacare</i> > <i>pagar</i>	<i>acutu</i> > <i>agudo</i>
f > v →	<i>profectu</i> > <i>proveito</i>	<i>trifoliu</i> > <i>trevo</i>	<i>aurifice</i> > <i>ourives</i>
s > z →	<i>acetu</i> > <i>azedo</i>	<i>vicinu</i> > <i>vizinho</i>	<i>placere</i> > <i>prazer</i>
	<i>ca[s]a</i> > <i>ca[z]a</i>	<i>ro[s]a</i> > <i>ro[z]a</i>	<i>pau[s]are</i> > <i>pou[z]ar</i>

(2) As consoantes mediais **sonoras** sofreram *síncope*, permaneceram ou se alteraram:

-b- : degenerou-se em /v/ ou sofreu síncope:	<i>caballu</i> > <i>cavalo</i> <i>faba</i> > <i>fava</i> <i>ibam</i> > <i>ia</i> <i>praebenda</i> > <i>prenda</i>
-d- : sofreu síncope:	<i>sedere</i> > <i>seer</i> > <i>ser</i> <i>pede</i> > <i>pé</i> <i>fidele</i> > <i>fiel</i>
-g- : sofreu síncope: vocalizou-se: manteve-se:	<i>regale</i> > <i>real</i> <i>plaga</i> > <i>praia</i> <i>rogare</i> > <i>rogar</i> <i>legere</i> > <i>leer</i> > <i>ler</i> <i>lege</i> > <i>lei</i> <i>paganu</i> > <i>pagão</i>
-l- : sofreu síncope:	<i>filu</i> > <i>fio</i> <i>velu</i> > <i>véu</i>
-m- : manteve-se:	<i>amicu</i> > <i>amigo</i> <i>lacrima</i> > <i>lágrima</i>

-n- : nasalizou a vogal anterior e depois desapareceu como consoante. Na maioria dos casos a ressonância nasal desapareceu: *persona* > *pessoa* > *pessoa*; *luna* > *lũa* > *lua*; *generale* > *gêeral* > *geral*. Nas terminações -ina e -inu, após a queda de -n- se desenvolveu a palatal /ɲ/: *vinu* > *vño* > *vinhu*; *regina* > *reña* > *rainha*.

A síncope regular do -l- explica a forma dos artigos definidos em português. Como os artigos **lo**, **la** ocorriam freqüentemente entre vogais no encadeamento sintagmático, o l inicial dessas palavras sofreu síncope também: *compro lo livro*, *quero la casa*.

4.1.3 Consoantes finais

Em geral, as consoantes latinas sofreram apócope. Só se conservaram em português -m, -n, -r, -s:

-m- : conservou-se nos monossílabos como simples ressonância nasal: <i>quem</i> > <i>quem</i> /kẽ̃/; <i>cum</i> > <i>com</i> /kõ/
-n- : permaneceu como ressonância nasal, ora representada por til, ora por m : <i>in</i> > <i>em</i> /ẽ̃/; <i>non</i> > <i>não</i> .
-r- : permaneceu, mas passou para antes da vogal precedente, por metátese: <i>inter</i> > <i>entre</i> ; <i>super</i> > <i>sobre</i> ; <i>semper</i> > <i>sempre</i> ; <i>quattuor</i> > <i>quator</i> > <i>quatro</i> .
-s- : permaneceu como marca de plural (<i>aves</i> > <i>aves</i>); em alguns nomes próprios (<i>Marcus</i> > <i>Marcos</i>); nos advérbios (<i>magis</i> > <i>mais</i>) e nas desinências verbais: <i>amas</i> > <i>amas</i> ; <i>amamus</i> > <i>amamos</i> ; <i>amatis</i> > <i>amais</i> etc.

Pela queda da vogal final -e, as consoantes -l-, -r- e -s- mediais se tornaram finais em português: *fidele* > *fiel*; *legale* > *legal*; *mare* > *mar*; *debere* > *dever*; *mense* > *mês*; *portugalense* > *português*; *reverse* > *revés*.

O -z- medial, decorrente da sonorização do -c- intervocálico latino, se tornou final pela mesma razão: *luce* > **luze* > *luz*; *radice* > **raize* > *raiz*; *voce* > **voze* > *voz*; *pace* > **paze* > *paz*.

4.2 Grupos consonantais

Grupo consonantal é a reunião de duas ou mais consoantes no interior de uma palavra. Os grupos consonantais podem ser classificados como:

- homogêneos** quando formados por duas consoantes iguais ou geminadas: *stuppa*, *bucca*, *flamma*, *ille* etc.;
- heterogêneos** quando formados por consoantes diferentes: *persona*, *clave*, *lacte*, *flumen*, *tribu* etc.;
- latinos** quando já existiam na língua latina: *stuppa*, *clave*, *tribu* etc.
- românicos** quando resultaram da síncope de uma vogal: *laborare* > *labrar* > *lavarar*; *apicula* > *apicla* > *abelha* etc.

- e) **próprios** quando são formados de uma consoante oclusiva ou /f/ mais uma líquida (/l/ ou /r/): *placere, premere, flamma* etc.
- f) **impróprios** quando são formados por outras consoantes que não as descritas acima: *lt (multum); gn (regnu); pt (aptu)* etc.

4.2.1 Grupos homogêneos

Os grupos consonantais homogêneos se reduziram a consoantes simples na formação do português:

bb > b	<i>sabbatu</i> > <i>sábado</i>
cc > c	<i>bucca</i> > <i>boca</i>
dd > d	<i>additione</i> > <i>adição</i>
ff > f	<i>effectu</i> > <i>efeito</i>
gg > g	<i>aggravare</i> > <i>agravar</i>
ll > l	<i>illa</i> > <i>ela</i>
mm > m	<i>flamma</i> > <i>chama</i>
nn > n	<i>pannu</i> > <i>pano</i>
pp > p	<i>stuppa</i> > <i>estopa</i>
tt > t	<i>gutta</i> > <i>gota</i>

Os grupos latinos mediais *-rr-* e *-ss-* se conservaram na ortografia, mas não correspondem a consoantes geminadas, que não existem em português: o **RR** e o **SS** são meros *dígrafos*, isto é, duas letras que representam um único som.

4.2.2 Grupos próprios

O estudo dos grupos próprios depende de sua posição inicial ou medial.

4.2.2.1 Os **grupos próprios iniciais** formados de oclusiva ou /f/ com a vibrante /r/ não se alteraram na transição do latim para o português:

<i>braciu</i> > <i>braço</i>	<i>frenu</i> > <i>freio</i>
<i>breve</i> > <i>breve</i>	<i>gradu</i> > <i>grau</i>
<i>cruce</i> > <i>cruz</i>	<i>granu</i> > <i>grão</i>
<i>credere</i> > <i>crer</i>	<i>pratu</i> > <i>prado</i>
<i>dracone</i> > <i>dragão</i>	<i>probare</i> > <i>provar</i>
<i>fructu</i> > <i>fruto</i>	<i>truncu</i> > <i>tronco</i>

Os grupos próprios formados com a lateral /l/ passaram pelas seguintes transformações:

a) os grupos **cl**, **fl**, **pl** palatizaram-se em **ch**:

<i>clave</i> > <i>chave</i>	<i>flagrare</i> > <i>cheirar</i>
<i>clamare</i> > <i>chamar</i>	<i>pluvia</i> > <i>chuva</i>
<i>flamma</i> > <i>chama</i>	<i>plenu</i> > <i>cheio</i>

Essa transformação, evidentemente, compreendeu estágios intermediários. No caso de **cl** > **ch**-, por exemplo, é provável que tenha havido a seguinte cadeia de mudanças: /kl- > ky- > kt- > t- > -/. A primeira etapa desse processo de palatização se verifica no italiano, em que o latim *clave* resultou em *chiave* [kyave]. O estágio /t-/- é aquele em

que se deteve a transformação desses grupos no espanhol e no galego, em que *chave* se pronuncia /tʃaβe/. No francês e no português arcaicos, o dígrafo *ch* tinha essa mesma pronúncia, que mais tarde perdeu seu elemento oclusivo, simplificando-se em /ç/. Isso explica a existência, na ortografia portuguesa atual, de duas formas de representar o som /ç/: o dígrafo *ch* e a letra *x*. No período arcaico, no entanto, cada uma dessas grafias representava um som distinto.

Esses mesmos encontros passaram por outra transformação, a rotacização, em que a lateral /l/ se torna a vibrante /r/: *plaga* > *praga*; *flaccu* > *fraco*; *clavicula* > *cravelha*; *placere* > *prazer*. Essas formas com /r/ surgiram em fase posterior da língua e em camadas sociais diferentes daquelas em que se deu a transformação desses grupos em *ch*.

b) os grupos **bl** e **gl** se transformaram em **br** e **gr**, ou se reduziram a **l**:

blandu > *brando* *glattire* > *latir*
glute > *grude* *globellu* > *novelo* *blastemare* > *lastimar*

4.2.2.2 Os **grupos próprios mediais** formados de CONS + /r/, quando precedidos de consoante, não se alteraram: *membu* > *membro*; *mostrare* > *mostrar*; *scribere* > *escrever*; *exfricare* > *esfregar*.

Quando precedidos de vogal, a primeira consoante é tratada como intervocálica e, assim, pode sonorizar-se, vocalizar-se, sofrer síncope ou conservar-se, de acordo com os processos de mudança que afetaram as consoantes em geral. Isso se deve ao caráter da vibrante /r/, que, como soante, compartilha alguns traços das vogais, e do /g/, que se leniza comumente na semivogal /ɨ/:

latrone > *ladrão* → sonorização de surda intervocálica
lacrima > *lágrima* → sonorização de surda intervocálica
integu > *inteiro* → vocalização de /g/
regnu > *reino* → vocalização de /g/
libru > *livro* → degeneração de /b/
quadráginta > *quarenta* → síncope de sonora intervocálica

Em alguns casos, o **r** da sílaba átona desapareceu por **dissimilação** total:

aratra > *arado* *rostru* > *rosto*
fratre > *frade* *cribru* > *crivo*

No caso das palavras *padre* (< *pater*) e *madre* (< *mater*), que deram *pai* e *mãe*, há duas hipóteses. Segundo a primeira, as palavras *padre* e *madre* deram *pai* e *mãe* através das formas *pade* e *made*, de caráter afetivo (ou infantil). Compare-se com a forma afetiva popular brasileira *cumpade* e *cumade*, por *compadre* e *comadre*. A segunda hipótese é a de que já existiam no latim vulgar as formas *pate* e *made*, analógicas de *frate* (“irmão”), em que o *r* caiu por dissimilação total. A nasalidade de *mãe* se deve à consoante inicial.

4.2.2.3 Quanto aos grupos próprios mediais formados de CONS + /l/:

- a) **cl, fl, pl** palatizaram-se em **ch** quando precedidos de consoante, e em **lh** quando precedidos de vogal:

masculu > *masclu* > *macho*

fasculu > *fasclu* > *facho*

inflare > *inchar*

implere > *encher*

macula > *mancula* > *mancla* > *mancha*

scopolu > *iscoplu* > *escolho*

oculu > *oclu* > *olho*

auricula > *ouricla* > *orelha*

apicula > *apicla* > *abelha*

macula > *macla* > *malha*

- b) **bl, gl, tl** também se palatizaram em **lh**, quando anteceditos de vogal:

tribulu > *triblu* > *trilho*

tegula > *tegla* > *telha*

coagulare > *coaglar* > *coalhar*

vetulu > *vetlu* > *velho*

rotula > *rotla* > *rolha*

Os mesmos estratos sociais que apresentaram a transformação desses grupos com /l/ em grupos com /r/ quando iniciais também são responsáveis pela mesma transformação desses grupos quando mediais: *nobile* > *noble* > *nobre*; *regula* > *regla* > *regra*; *obligare* > *obrigar*; *diabolus* > *diablo* > *diabro* (do arcaico *diabro* derivam as formas *diabrete*, *diabrura*, *endiabrar*).

O grupo medial **tl** provavelmente já tinha se transformado em **cl** no latim vulgar, uma vez que o Appendix Probi corrige: “Vetulus non veclus”.

4.2.3 Grupos impróprios

- a) Os grupos consonantais iniciados por **s-** impuro recebem um **e** protético, sendo que no grupo **sc** seguido de vogal **e** ou **i**, o **s** sofre aférese:

scutu > *escudo*

scorpione > *escorpião*

sponsa > *esposa*

spatio > *espaço*

stella > *estrela*

stare > *estar*

scientia > *ciência*

scena > *cena*

- b) Nos grupos de oclusivas com outras consoantes, temos:

ps assimila-se: *ipse* > *esse*; *gypsu* > *gesso*

ct vocaliza-se: *nocte* > *noite*; *octu* > *oito*; *factu* > *feito*

pt vocaliza-se: *conceptu* > *conceito*; *acceptu* > *aceito*

ou assimila-se: *septe* > *sette* > *sete*; *captare* > *cattare* > *catar*

cs (= x) passa a: *saxu* > *seixo*; *mataxa* > *madaixa* > *madeixa*;

ix, is ou **ss**: *laxare* > *leixar* (arc.); *sex* > *seis*; *dixi* > *disse*

- c) Nos grupos resultantes dos prefixos **ad-**, **sub-**, **ab-** ocorre com muita frequência a assimilação: *substare* > *sustar*; *subjectu* > *sujeito*; *subterrare* > *soterrar*; *adversu* > *avesso*. Raramente se dá a vocalização: *absentia* > *ausência*.

d) Nos grupos de constrictivas mais outra consoante, temos:

rs e mn sofrem assimilação:	<i>persicu</i> > <i>pêssego</i> ; <i>persona</i> > <i>pessoa</i> ; <i>somnu</i> > <i>sono</i> ; <i>autumnu</i> > <i>outono</i>
rb e lb → o b se degenera em v :	<i>arbore</i> > <i>árvore</i> ; <i>turbare</i> > <i>turvar</i> ; <i>carbone</i> > <i>carvão</i> ; <i>albu</i> > <i>alvo</i>
ns → síncope do n :	<i>mensa</i> > <i>mesa</i> ; <i>ansa</i> > <i>asa</i> ; <i>penso</i> > <i>peso</i>
sc , seguido de e ou i , assimila-se ou passa a ix :	<i>patescere</i> > <i>padecer</i> ; <i>merescere</i> > <i>merecer</i> ; <i>pisce</i> > <i>peixe</i>
lt , lc , lp → vocalização do l :	<i>alteru</i> > <i>altru</i> > <i>outro</i> ; <i>multu</i> > <i>muito</i> ; <i>falce</i> > <i>fauce</i> > <i>foz</i> ; <i>palpo</i> > <i>poupo</i> (verbo)

Os grupos **ml** e **mr**, resultantes da síncope de uma vogal, desenvolvem uma consoante de transição **b** (bilabial como **m**): *simulante* > *sim'lante* > *semblante*; *memorare* > *mem'rar* > *membrar* > *lembrar*; *umeru* > *um'ru* > *ombro*.

4.2.4 Grupos de consoante mais semivogal

A semivogal /y/, chamada *iode*, exerceu grande influência na fonética histórica do português, gerando fonemas palatais e sibilantes desconhecidos na língua latina:

- a) Na palavra latina **miliu** existem três sílabas: **mi-li-u**. Esse hiato final será desfeito, transformado em ditongo, no qual o **i** passa a ser uma semivogal: **mi-lyu**. Em fase posterior, o grupo **ly** (+ **vogal**) se transformará na consoante palatal **lh** /λ/. O mesmo ocorreu com o grupo **ny** (+ **vogal**), que se transformará na consoante palatal **nh** /ɲ/. As grafias *lh* e *nh* foram tomadas de empréstimo ao provençal. Assim, temos:

filiu > *filyo* > *filho*
palea > *palya* > *palha*
consiliu > *consilyo* > *conselho*
ciconia > *ciconya* > *cegonha*
verecundia > *verecunnya* > *vergonha*
teneo > *tenyo* > *tenho*
linea > *linya* > *linha*
seniore > *senyore* > *senhor*
aranea > *aranya* > *aranha*

- b) Os grupos **cy** e **ty** se tornam as sibilantes /ts/ ou /tz/, grafadas *ce*, *ci*, *ç* e *z*, respectivamente. Mais tarde, seriam pronunciadas sem a oclusão, /s/ e /z/:

facio > *facyo* > *faço*
lancea > *lancia* > *lancya* > *lança*
iudicio > *judicyo* > *juízo*
iaceo > *jacyo* > *jazo*
pretiu > *pretyo* > *preço* ~ *prezo*
gratia > *gratya* > *graça*
iustitia > *justitya* > *justiça* ~ *justeza*
palatio > *palatyo* > *paaço* > *paço*

capitia > cabitya > cabeça

c) O grupo **dy** se assimila em /ts/ (mais tarde /s/) ou se palatiza em /tʃ/:

audio > audyo > ouço
ardeo > ardio > ardyo > arço (arc.)
verecundia > verecundya > vergonça (arc.)
insidio > ensedyo > ensejo
hodie > hodye > hoje
invidia > invidya > inveja

d) O grupo **gy** se palatiza em /tʃ/:

fugio > fugyo > fujo
angelu > angeo > angyu > anjo
spongia > spongya > esponja

Nas variedades de alguns grupos sociais, as consoantes **d** e **g** dos grupos **di** e **gi** foram tratadas como intervocálicas, sofrendo, portanto, síncope como as sonoras intervocálicas em geral. Ou seja, o **i** não se transformou em *iode*:

radiu > radio > raio
badiu > badio > baio
navigiu > navigio > navio
exagiu > exagio > ensaio

e) Os grupos **sy** e **ssy** passam, respectivamente, a **ij** e **ix**:

baseu > basiu > basyo > baijo > beijo
caseu > casiu > casyo > caijo > queijo
ecclesia > igreja (arc.) > igreja
russeu > russiu > russyo > roixo (arc.) > roxo
passione > passyone > paixão
**bassiare > bassyar > baixar*

No português brasileiro atual, os grupos escritos *eij*, *eix*, *aix* tendem a se simplificar, por assimilação do *iode*, em *ej*, *ex*, *ax*, como em *beijo* [beiju], *queixo* [keiju], *caixa* [kaija] etc. No português europeu, por efeito de fenômeno oposto, o da dissimilação, a vogal /e/ do grupo escrito *ei* se transformou numa vogal média central aberta /a/, donde as pronúncias *beijo* [bayiju], *cheiro* [tʃayru] etc., com preservação do *iode*.

5. MORFOLOGIA HISTÓRICA

5.1 Nomes

5.1.1 Os casos

O latim clássico era uma língua *sintética*, isto é, exprimia as funções sintáticas das palavras por meio de desinências, ao passo que já o latim vulgar e as línguas românicas são analíticas, isto é, exprimem as funções sintáticas das palavras mediante a ordem destas no sintagma e pelo uso de elementos como artigos e preposições:

LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
liber Petri	libru de Petru	o livro de Pedro

Assim é que no latim literário existem tantas desinências ou flexões quantas são as funções sintáticas que uma palavra pode exercer na oração:

FUNÇÃO GRAMATICAL	PORTUGUÊS	LATIM CLÁSSICO	CASO SINTÁTICO
1. sujeito	Pedro	Petr <u>us</u>	nominativo
2. complemento restritivo	de Pedro	Petr <u>i</u>	genitivo
3. objeto indireto	a Pedro	Petr <u>o</u>	dativo

4. objeto direto	Pedro	Petr <u>um</u>	acusativo
5. vocativo	ó Pedro	Petre	vocativo
6. adjunto adverbial	com Pedro	cum Petro	ablativo

A tendência analítica da língua falada corrente levou a eliminar essas desinências de caso, substituindo-as pelo enrijecimento da ordem dos termos na oração (predominantemente **SVO**, isto é, sujeito-verbo-objeto) e pelo uso de artigos (inexistentes em latim) e preposições.

5.1.2 Redução dos casos. O caso lexicogênico

O resultado dessas reduções foi que apenas dois casos restaram no latim vulgar: o **nominativo** e o **acusativo**, ou seja, um **caso reto** (sujeito) e um **caso oblíquo** (complementos). Depois dessa redução, as funções que eram inerentes aos outros casos foram exercidas pelo acusativo com preposição. Desse modo, coube ao acusativo precedido de *de* e *ad* a expressão do genitivo e do dativo; e regido pelas preposições *de*, *per* e *cum*, a expressão do ablativo. Na Península Ibérica, o acusativo e o nominativo se fundiram, com predominância do acusativo. Daí se dizer que o acusativo, em português (e em espanhol) é o **caso lexicogênico**, ou seja, é da forma que as palavras tinham neste caso sintático que se originou o léxico dessas línguas. Observe-se, por exemplo, que a palavra *verdade* não poderia proceder do nominativo latino *veritas*, mas sim do acusativo *veritatem*. Cedo, no latim vulgar, a desinência *-m*, característica do acusativo, se perdeu, de modo que o étimo de *verdade* é a forma *veritate*. Com a síncope da vogal pretônica /i/ e a sonorização regular das surdas intervocálicas (/t/ > /d/), temos *verdade* em português. Portanto, na reconstrução do étimo de uma palavra da língua portuguesa, é necessário recorrer à forma da palavra latina original no caso *acusativo*, de modo que para *livro* devemos recorrer a *libru(m)* e não a *liber*; para *homem*, devemos recorrer a *homine(m)* e não a *homo*.

No entanto, embora o acusativo seja o caso lexicogênico da maioria das palavras do português, restaram alguns vestígios, na língua, de outros casos provenientes do latim:

- do *nominativo*: nomes próprios como *Deus*, *Cícero*, *César*, *Nero*, *Júpiter* etc. Palavras eruditas como *sóror*, *serpe*, *câncer*, *ladro*, *virgo* etc. Os pronomes pessoais do caso reto: *eu*, *tu*, *ele*, *nós*, *vós*, *eles*. Os demonstrativos *este*, *esse*, *aquele*;
- do *genitivo*: as palavras compostas eruditas como *terremoto* (*terrae* + *moto*); *aqueduto* (*aquae* + *duto*); *agricultura* (*agri* + *cultura*); *jurisprudência* (*juris* + *prudentia*); *uxoricida* (*uxoris* + *cida*);
- do *dativo*: *crucifixo* (*cruci* + *fixu*); os pronomes *mim* (*mihi*), *ti* (*tibi*), *si* (*sibi*), *lhe* (*illi*);
- do *ablativo*: *agora* (*hac* + *hora*); *fidedigno* (*fide* + *digno*).

5.1.3 Redução das declinações

No latim clássico, as palavras eram divididas, segundo a terminação, em cinco grandes classes, chamadas **declinações**. O que identificava uma declinação era a desinência que a palavra apresentava no caso genitivo (por isso, nos dicionários de latim, as palavras vêm sempre expressas no nominativo, seguidas da terminação do genitivo):

1ª DECL.	2ª DECL.	3ª DECL.	4ª DECL.	5ª DECL.
hora, -ae	lupus, -i	mare, -is	cantus, -us	dies, -ei

No latim vulgar, essas cinco declinações se reduziram a três, sobretudo porque eram poucos os nomes que se enquadravam na 4ª e na 5ª. Assim, os nomes da 5ª passaram, em sua maioria, para a 1ª e, em menor volume, para a 3ª declinação. Os nomes da 4ª se transferiram para a 2ª, pela semelhança que existia entre as desinências casuais.

Para isso contribuiu a confusão que já existia no próprio latim clássico, em que alguns substantivos da 5ª podiam também ser declinados pela 1ª: *avarities*, -ei ou *avaritia*, -ae; *luxuries*, -ei ou *luxuria*, -ae; *materies*, -ei ou *materia*, -ae. O mesmo ocorria com os nomes da 4ª e da 2ª: *domus*, -us ou *domus*, -i; *colus*, -us ou *colus*, -i; *fructus*, -us ou *fructus*, -i.

A pressão analítica da mudança lingüística levou, a bem da clareza de expressão, ao emprego freqüente de preposição. Onde bastava o caso para indicar a função, surgiu a partícula, facilitando a compreensão do sentido. Assim, em vez do *genitivo*, aparece, no próprio latim clássico, o *ablativo* com a preposição *de*: *nil gustabit de meo* (Plauto), *partem de istius impudentia* (Cícero). Em lugar do *dativo*, usa-se o *acusativo*, regido de *ad*: *ad me magna nuntiavit* (Plauto), *ad propinquos restituit* (Tito Lívio) etc.

Se na língua escrita mais monitorada já se verificava o fenômeno, na língua falada corrente a necessidade de clareza, maior e mais urgente, tornou categórico o emprego da preposição. Com isso, a maior parte dos casos, tornados desnecessários, desapareceu. Restaram apenas, como já se mencionou, o *nominativo* (caso do sujeito) e o *acusativo* (caso do objeto). Nas línguas românicas ibéricas houve a fusão desses dois casos. No francês arcaico, permaneceu durante algum tempo a distinção entre dois casos, o caso-sujeito e o caso-regime (para todas as funções diferentes do sujeito), que não sobreviveu. Na língua romena, até os dias de hoje, se conserva a distinção entre dois casos (um nominativo/acusativo, e outro, dativo/genitivo).

5.1.4 O gênero dos substantivos. Desaparecimento do neutro

É provável que no indo-europeu primitivo o gênero gramatical dos nomes se fundamentasse no sexo biológico real. Por isso, os seres inanimados eram do gênero neutro (*ne uter*, “nem um nem outro”). Essa distinção, no entanto, logo perdeu todo vínculo com a realidade objetiva e o gênero se tornou uma categoria exclusivamente gramatical e, portanto, arbitrária. Por causa disso, encontramos no grego e no latim, por exemplo, seres inanimados classificados como masculinos ou femininos. Os substantivos abstratos em latim podiam ser de qualquer gênero: *religio*, *religionis* é feminino, enquanto *amor*, *amoris* é masculino, e *examen*, *examinis* é neutro.

Na transformação do latim nas línguas românicas, o gênero neutro foi desaparecendo e hoje é possível dizer que, nelas, deixou de existir como categoria gramatical. Vejamos que fatores podem ter condicionado o desaparecimento do gênero neutro

Na 1ª declinação não existiam nomes neutros: eram quase todos femininos, de tal forma que a terminação -a passou a ser característica dos nomes femininos em português, ao contrário do latim, em que as palavras femininas podiam ter as mais diversas terminações (inclusive -o, como no nominativo de *passio*, *religio*, *virgo*, *vertigo* etc.).

Na 2ª declinação, a maioria dos nomes eram masculinos e neutros. Com isso, a terminação *-o* (do acusativo singular *-um* > *-u* > *-o*) se tornou a característica dos nomes masculinos em português. Os substantivos neutros, como tinham suas desinências idênticas às dos masculinos, também passaram a esse gênero: *pratum* > *pratu* > *prado*; *exemplum* > *exemplu* > *exemplo*; *templum* > *templu* > *templo*; *vinum* > *vinu* > *vão* > *vinho* etc.

No entanto, como a terminação do plural dos neutros era *-a* (*exemplum* — *exempla*), ocorreram confusões desse plural com o gênero feminino. É o que se verifica com as palavras usadas com o valor de pluralidade ou de coleção que, neutras plurais em latim, se transformaram em femininas singulares em português:

LATIM		PORTUGUÊS
NEUTRO SING.	NEUTRO PLUR.	FEM. SING.
ovum	ova	ova
folium	folia	folha
brachium	brachia	braça
lignum	ligna	lenha
interaneum	interanea	entranha
vestimentum	vestimenta	vestimenta

Os nomes neutros da 3ª declinação passaram, em geral, para a 2ª, assumindo o gênero masculino. Alguns, cujo gênero já alternava em latim com o masculino ou o feminino, passaram ao português com esses gêneros: *mare* > *mar* (f. no port. arc. e m. no moderno); *rete* > *rede* (f.).

5.1.4.1 Vestígios do neutro em português

O gênero neutro não existe como categoria gramatical em português. No entanto, sobreviveram dele alguns vestígios na língua atual:

- a) **pronomes demonstrativos** — *isto, isso, aquilo* e *o* (equivalente a *isto, isso, aquilo*, como em: “Traga só *o* que eu pedi”);
- b) **pronomes indefinidos** — *tudo, nada, algo*;
- c) **adjetivo substantivado** — *o útil, o agradável, o belo*;
- d) **infinitivo substantivado** — “dirigiu *o olhar* para mim”; “*fumar* é prejudicial à saúde”

5.1.5 Adjetivos

A morfologia flexional dos adjetivos no latim vulgar era menos complexa do que a dos substantivos, já que era regulada pelas desinências das declinações que se mantiveram na língua falada corrente.

Os adjetivos chamados de 1ª classe na gramática latina tinham uma forma destinada a adaptar-se a cada um dos gêneros dos substantivos a que se referiam: *justus* (masc.),

justa (fem.), *justum* (neutro). Desaparecido o neutro e eliminados os casos, tais adjetivos assumiram as seguintes formas:

SINGULAR: -u > -o, -a > -a: *justu* > *justo*, *justa* > *justa*;

PLURAL: -os > -os, -as > -as: *justos* > *justos*, *justas* > *justas*.

Com o desaparecimento da forma do neutro, agravada com o fato de serem idênticas as desinências do masculino e do feminino no único caso sobrevivente (o acusativo), os adjetivos de 2ª classe, que antes podiam ser triformes, biformes ou uniformes, acabaram por ficar todos uniformes, qualidade que persiste nos seus correspondentes portugueses:

SINGULAR: -e > -e: *celebre* > *célebre*; *leve* > *leve*; *cortense* > *cortês*

PLURAL: -es > -es: *celebres* > *célebres*; *leves* > *leves*; *cortenses* > *corteses*

5.2 Verbos

5.2.1 Redução das conjugações

No latim clássico literário havia quatro conjugações, caracterizadas pelas terminações dos infinitivos:

1ª CONJ.	2ª CONJ.	3ª CONJ.	4ª CONJ.
-are	-ēre	-ĕre	-ire

Note-se que a diferença entre os infinitivos da 2ª e da 3ª é apenas a quantidade das vogais temáticas.

Ao que tudo indica, tal distribuição era um tanto artificial, já que não correspondia integralmente às formas vivas da língua falada corrente e, assim, não era respeitada em todas as minúcias.

A **1ª conjugação** era, sem dúvida, a mais rica em número de verbos que a ela pertenciam. E tal como ocorre com o português e demais línguas românicas, em que os verbos de formação tardia e recente vão para a 1ª conjugação (*telefonar* de *telefone*; *escanear* de *scanner* etc.), também em latim ela era a chamada **conjugação produtiva**, por acolher as novas formações, tanto decorrentes de substantivos (*oculare* de *oculus*), de adjetivos e participios (*altiare* de *altus*; *adjutare* de *adjutum*), quanto de palavras tomadas de empréstimo a outras línguas (*gubernare*, do grego *kybernan*; *guitare*, do germânico *witan*). Com isso, a 1ª conjugação resistiu melhor às alterações surgidas na língua falada corrente: embora passasse a abrigar verbos originariamente pertencentes às outras conjugações (*torrare* por *torrēre* > *torrar*; *moliare* por *mollire* > *molhar*), são raros os exemplos de verbos da 1ª que tenham se transferido para outra conjugação.

A **4ª conjugação**, com infinitivos em *-ire*, se enriqueceu na língua vulgar e continuou a enriquecer-se como terceira conjugação do português. Por exemplo, ela incorporou numerosos verbos da 2ª e da 3ª clássicas, já confundidos entre si pela semelhança de algumas formas: nelas, as primeiras pessoas do singular do presente do indicativo eram praticamente idênticas — *debeo*, pronunciada correntemente *debio* (2ª), *fugio* (3ª) e *punio* (4ª). Isso ocasionou transferências de conjugação: *lucēre* > *lucire* (donde *luzir*,

em português), *florēre* > *florire* (port. *florir*), *cingēre* > *cingire* (port. *cingir*), *fugēre* > *fugire* (port. *fugir*).

No enriquecimento da 3ª conjugação do português, já no curso da história da própria língua, temos muitos verbos terminados em *-er* na língua antiga que passaram a *-ir* no português moderno: *aduzere* > *aduzir*; *caere* > *cair*; *traere* > *trair*; *corregere* > *corrigir*. Outros, de introdução mais recente na língua, trocaram a terminação *-ēre* do latim pela terminação *-ir* do português: *affluēre* > *afluir*; *imbuēre* > *imbuir*; *illudēre* > *iludir*; *obstruēre* > *obstruir* etc.

A 2ª e a 3ª conjugações, no entanto, não tinham condições de sobreviver como paradigmas perfeitamente delimitados. Já no latim clássico se verificava alguma dúvida quanto à localização de certos verbos numa e noutra dessas conjugações: *fervēre* ~ *fervēre*; *tergēre* ~ *tergēre*. Assim, era previsível que, com exceção dos verbos que tomaram a terminação *-ire*, a 3ª conjugação, a mais pobre, se confundisse com a 2ª, acabando por ser totalmente eliminada no latim vulgar da Península Ibérica. Note-se que o mesmo não se deu no francês nem no italiano: ambas as línguas conservam quatro paradigmas de conjugação verbal (francês: *aimer*, *voir*, *prendre*, *partir*; italiano: *amare*, *vedere*, *prendere*, *partire*). O romeno também tem quatro conjugações.

Sem entrar em maiores detalhes, podemos estabelecer o seguinte quadro da conjugação no latim vulgar lusitano com os seus correspondentes no latim clássico e respectivos resultados em português:

CONJUGAÇÕES	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
1ª	-are	-are	-ar
2ª	-ēre	-ēre { -ēre -ēre	-er
3ª	-ēre	-ire { -ire -ēre -ēre	-ir
4ª	-ire	—	—

No que diz respeito às três conjugações do português, convém fazer uma observação acerca do verbo *pôr*. Ele tem como origem o latim *ponēre* (3ª conj.), ao qual corresponde, na língua vulgar, *ponēre*, com timbre fechado, transposto para a 2ª conjugação. Com a síncope regular do *-n-* intervocálico, tivemos, no português antigo, o verbo *poer* que mais tarde se reduziu a *pôr*. Por isso é classificado como verbo anômalo

da 2ª conjugação, pois embora tenha perdido sua vogal temática no infinitivo, ela volta a aparecer em muitas formas conjugadas: *põe*, *pões*, *põem*, *puser*, *pusesse* etc.

5.2.2 Verbos anômalos

O verbo *esse* (“ser”) latino se transformou em *éssere* (cf. italiano *éssere*, francês *être*), que nada gerou em português nem em espanhol. Nestas línguas, o verbo *ser* não provém de *éssere*, mas sim de *sedēre* que, na origem, significava “estar sentado” (cf. *sede*, *sé*, *sedentário* etc.). Conjugado, porém, o verbo *ser* apresenta formas derivadas do *esse* latino: *sum* > *sou*; *es* > *és*; *est* > *é*; *sumus* > *somos* etc.

O infinitivo *posse* foi regularizado em *potēre*, donde o português *poder*.

Os compostos de *ferre* (“levar, trazer”) passaram em geral para a 4ª conjugação latina, o que explica suas formas em *-ir* no português (sem nenhuma relação etimológica com o verbo *ferir*, que provém do latim *ferire*):

conferre > *conferire* > *conferir*
differre > *differire* > *diferir*
afferre > *afferire* > *aferir*
praeferre > *praefferire* > *preferir*
referre > *referire* > *referir*

Já os verbos *sufferre* e *offerre* se transformaram em *sufferēre* e *offerescēre*, donde o português *sofrer* e *oferecer*.

5.2.3 O sistema de conjugação do verbo latino

A conjugação do verbo em latim se baseia na oposição de dois grupos de tempos: os tempos do **infectum** e os tempos do **perfectum**. Essa oposição não se fundamentava numa idéia estritamente temporal, mas sim **aspectual**: os tempos do **infectum** exprimiam a ação ou o processo em seu curso de duração (aspecto imperfeito), enquanto os tempos do **perfectum** indicavam uma ação ou um processo concluídos ou terminados (aspecto perfeito).

Em coerência com esse princípio, ao tema do **infectum** pertenciam os seguintes tempos: *presente*, *imperfeito* e *futuro imperfeito* do indicativo; o *presente* e o *imperfeito* do subjuntivo; e o *imperativo*.

Ao tema do **perfectum**, por seu turno, pertenciam o *perfeito*, o *mais-que-perfeito* e o *futuro perfeito* do indicativo; e o *perfeito* e o *mais-que-perfeito* do subjuntivo.

Além dessas, havia também as *formas nominais*: o *infinitivo* (presente, perfeito e futuro), o *particípio* (presente, futuro e passado, este da voz passiva), o *gerúndio* e o *supino*.

Tomando como exemplo a 1ª pessoa singular de cada tempo e as formas nominais de um verbo da 1ª conjugação — *amare* —, o sistema verbal do latim se apresentava da seguinte maneira:

INFECTUM	PRESENTE	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO
		amo	amem	ama

	IMPERFEITO	amabam	amarem	
	FUTURO	amabo		amato
PERFECTUM	PERFEITO	amavi	amaverim	
	MAIS-QUE-PERFEITO	amaveram	amavissem	
	FUTURO PERFEITO	amavero		

Além dessas formas nominais, o verbo latino apresentava um *particípio passado* (*amatus*, -a, -um) e, derivados dele, um *particípio futuro* (*amaturus*, -a, -um) e um *infinitivo futuro* (*amaturus*, -a, -um *esse*). Entre as formas nominais latina também se incluía o *supino* (*amatum*), um substantivo verbal.

Além das formas da *voz ativa*, que indicava simplesmente uma ação ou um estado, existiam também as formas de uma *voz passiva*, que designava em alguns casos a impessoalidade e, em outros, assumia um sentido reflexivo.

5.2.4 Perdas e inovações na conjugação

O **presente do indicativo** se conservou: *amo* > *amo*; *debo* (por *debeo*) > *devo*; *vendo* > *vendo*; *puno* (por *punio*) > *puno*.

O **imperfeito do indicativo** também se manteve: *amabam* > *amava*; *debeam* (por *debebam*) > *deviam*; *vendeam* (por *vendebam*) > *vendia*; *puniam* (por *punibam*) > *punia*.

O **futuro imperfeito** do latim clássico não se manteve no latim vulgar. Quer se tratasse da forma em -*bo*, da 1ª e da 2ª conjugações (*amabo*, *debebo*), ou da forma em -*am* da 3ª e da 4ª (*vendam*, *puniam*), ele foi substituído por uma perífrase, que já aparecia nos

FORMAS NOMINAIS					
INFECTUM	PRESENTE	INFINITIVO	PARTICÍPIO	GERÚNDIO	GERUNDIVO
		amare	amans, -tis	amandi amando amandum	amandus, -a, -um
PERFECTUM	PERFEITO	amavisse			

escritores da latinidade tardia, constituída de um verbo no *infinitivo* e do *presente do indicativo* do verbo *habere* (“ter”). Assim surgiu *amare habeo* (cp. português *hei de*

amar). Pelo processo de gramaticalização, as formas do presente do indicativo de *habere* se tornaram meras terminações verbais, contraindo-se por meio de alterações fonéticas radicais, mas não anômalas: *habeo* > *aio* > *ai* > *ei*. Dessa forma, em *amarei*, a terminação *-ei* está no lugar de *hei*, do verbo *haver*, e vem daí a possibilidade de intercalar os pronomes oblíquos entre o infinitivo e a terminação: *amar-te-ei*. Assim é que temos: *amare habeo* > *amarei*; *debere habeo* > *deverei*; *vendere habeo* > *venderei*; *punire habeo* > *punirei*.

O **pretérito perfeito do indicativo** se conservou em português: *amai* (por *amavi*) > *amei*; *debei* (por *debui*) > *devi*; *vendei* (por *vendedi* e este por *vendidi*) > *vendi*; *punivi* > *puni*.

O **pretérito mais-que-perfeito do indicativo** se manteve por meio de formas sincopadas, que prevaleceram no latim vulgar: *amaram* (por *amaveram*) > *amara*; *deberam* (por *debuieram*) > *devera*; *venderam* (por *vendideram*) > *vendera*; *puniram* (por *puniveram*) > *punira*.

O **presente do subjuntivo** se conservou: *amem* > *ame*; *debam* (por *debeam*) > *deva*; *vendam* > *venda*; *punam* (por *puniam*) > *puna*.

O **imperfeito do subjuntivo** cedeu lugar ao **mais-que-perfeito** do mesmo modo. Com isso, o **imperfeito do subjuntivo** português tem origem no mais-que-perfeito latino, através das formas sincopadas predominantes na língua vulgar: *amassem* (por *amavissem*) > *amasse*; *debessem* (por *debuissent*) > *devesse*; *vendessem* (por *vendidissem*) > *vendesse*; *punissent* (por *punivissent*) > *punisse*.

O **futuro perfeito do indicativo** se confundiu, no latim vulgar, com o **perfeito do subjuntivo** por causa da identidade de formas, que era quase total entre os dois tempos: a rigor, só as primeiras pessoas do singular se diferenciavam. Da confusão havida resultou para o português, como também para o espanhol, o romeno e os dialetos italianos, o **futuro do subjuntivo**: *amaro* (por *amavero*) > *amar*; *debero* (por *debuero*) > *dever*; *vendero* (por *vendidero*) > *vender*; *puniro* (por *punivero*) > *punir*.

O **imperativo** se conservou nas formas do presente: *ama* > *ama*; *debe* > *deve*; *vende* > *vende*; *puni* > *pune*. No entanto, para o **imperativo negativo** se adotou formas do subjuntivo, do mesmo modo que para as demais pessoas, e dessa prática se originou a formação do imperativo negativo em português: *não ames*, *não vendas* etc. As formas especiais do **futuro do imperativo**, já de emprego restrito em latim, não sobreviveram.

O **infinitivo** só se manteve na forma do presente (**infinitivo impessoal** do português) e adquiriu novos usos como substituto do **gerúndio** e do **supino**: *amare* > *amar*; *debere* > *dever*; *vendere* > *vender*; *punire* > *punir*.

O **particípio presente** cedeu suas funções ao **gerúndio** e passou a ser sentido como adjetivo ou substantivo: *amante* > *amante*; *legente* > *lente*; *petinte* (por *petiente*) > *pedinte*.

O **gerúndio**, que sobreviveu na forma do ablativo, assumiu o papel do **particípio presente** que, como se viu, perdeu o valor de forma verbal: *amando* > *amando*; *debendo* > *devendo*; *vendendo* > *vendendo*; *punindo* (por *puniendo*) > *punindo*.

Vimos que o **imperfeito do subjuntivo** português herdou as formas do **mais-que-perfeito** latino do mesmo modo. Quanto ao **imperfeito do subjuntivo** do próprio latino, diversos autores sustentavam que ele sobreviveu no português na forma do nosso **infinitivo flexionado**. O lingüista brasileiro Theodoro Henrique Maurer Jr., no entanto, publicou em 1968 um livro (*O infinitivo flexionado português*) em que demonstrava que o **infinitivo flexionado** português deriva da transferência analógica para o infinitivo das desinências pessoais das formas finitas do verbo, nos casos em que este admitia um sujeito no nominativo.

Para indicar o **futuro do perfeito** ou o sentido condicional, desenvolveu-se tardiamente, no latim vulgar, uma nova forma verbal: o **futuro do pretérito**. Ele se constituiu, tal como o **futuro imperfeito do indicativo**, de um infinitivo seguido do imperfeito do indicativo do verbo *habere*: *amare habebam* > *amaria*; *debere habebam* > *deveria*; *vendere habebam* > *venderia*; *punire habebam* > *puniria*.

Os chamados **tempos compostos** não eram totalmente desconhecidos do latim clássico, onde se formavam, inicialmente, com *habere* e, mais tarde, com *tenere*, acompanhados do particípio passado de outro verbo. Já em Cícero encontramos: *satis habeo deliberatum* (“tenho deliberado bastante”). Com a predominância das formas perifrásticas na língua falada corrente, alguns tempos compostos se firmaram como, por exemplo, o **perfeito do indicativo** (*tenho amado*) e o **mais-que-perfeito** do mesmo modo (*tinha amado*).

O verbo latino dispunha de uma forma passiva sintética em *-r*: *amor* (“sou amado”), *amabar* (“eu era amado”) e *amabor* (“serei amado”), no indicativo; *amer* (“eu seja amado”), *amarer* (“eu fosse amado”). Essa passiva também ocorria no imperativo: *amare* e *amamini*; no infinitivo: *amari*; no gerúndio: *amandus*, *-a*, *-um*; e no particípio passado: *amatus*, *-a*, *-um*.

Com exceção do **particípio** (passado), que passou às línguas românicas e sobrevive em português, todas essas formas passivas sintéticas desapareceram. Foram substituídas por perífrases constituídas do **particípio passivo** e do verbo *esse* (“ser”), perífrases que já eram usadas nos tempos do **perfectum**. Com isso, *amatus sum* passou a equivaler a *amor*; *amatus eram* a *amabar* etc., enquanto novas perífrases foram criadas para substituir as primeiras, como *amatus fui*, no lugar de *amatus sum* etc.

Ainda entre as perdas da conjugação latina, cabe registrar: o **particípio futuro ativo**, do qual temos vestígios em adjetivos e substantivos do tipo *nascendouro*, *vindouro*, *bebedouro*, *matadouro*; o **gerúndio**, que se acha representado em substantivos e adjetivos como *merenda*, *oferenda*, *diplomando*, *formando*; e o **supino**, cujo desaparecimento foi total em favor do infinitivo.

5.2.5 Conjugação do português

De todas essas transformações resulta o quadro dos modos e tempos do verbo em português:

TEMPO	MODO		
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO
PRESENTE	amo	ame	ama [tu]

IMPERFEITO	amava	amasse
FUTURO DO PRESENTE	amarei	amar
PRETÉRITO PERFEITO	amei	
MAIS-QUE-PERFEITO	amara	
FUTURO DO PRETÉRITO	amaria	

Evidentemente, o quadro acima se restringe às formas mais ou menos diretamente herdadas do latim. No entanto, sabemos que, no português brasileiro atual, existem muito mais formas de expressar as informações que vêm contidas na classe tradicionalmente chamada de *verbo*. A esse respeito, vale a pena citar o seguinte trecho do livro *O português da gente*, de Rodolfo Ilari e Renato Basso¹:

Ao lado das vozes do verbo que as gramáticas incluem sistematicamente no paradigma da conjugação, o português desenvolveu uma série de perífrases verbais, formadas por meio de um verbo auxiliar. Isso amplia bastante — muito além daquilo que as gramáticas sugerem — as possibilidades de utilizar as bases verbais disponíveis na língua. Considerem-se, por exemplo, as formas (se eu) *telefonasse*, (eu) *telefonarei*, (eu) *tenho telefonado*, (eu) *vou telefonar*, (eu) *acabo de telefonar*, (eu) *estou telefonando*, (eu) *vou estar telefonando*, (eu) *dei uma telefonada*. De acordo com as gramáticas, apenas as três primeiras fazem parte do paradigma de conjugação verbal; as demais não chegam sequer a ser lembradas. Ao contrário, interessa perceber que todas essas formas aproveitam uma mesma base lexical e que seu uso é particularmente freqüente: *estou telefonando* é a forma mais usada para descrever uma ação simultânea à fala (é o verdadeiro presente do indicativo do português do Brasil) e resulta de um processo de formação semelhante ao que deu origem a *tereí telefonado* que, embora seja registrado pelas gramáticas, tem uma freqüência de uso praticamente nula.

6. ANALOGIA

6.0 Introdução

A **analogia** é um processo cognitivo por meio do qual os falantes da língua tendem a **regularizar** formas irregulares e menos gerais com base em outras formas, mais regulares e de emprego mais freqüente. No estudo diacrônico de qualquer língua, é possível observar a analogia em ação, na medida em que formas outrora irregulares passaram a se enquadrar em paradigmas regulares. Não por acaso, as formas irregulares que sobrevivem por mais tempo são precisamente aquelas mais freqüentemente usadas e que, justamente por isso, resistem aos processos de regularização paradigmática. É o caso, por exemplo, dos verbos mais empregados em português (e em todas as línguas): *ser*, *ter*, *dar*, *ir* etc. O próprio fato de serem palavras curtas demonstra sua alta freqüência de uso, pois quanto mais uma palavra é usada (sobretudo quando passa pelo processo de gramaticalização) mais tendência ela apresenta de, ao longo do tempo, se contrair (cf. *Vossa Mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você* > *ocê* > *cê*).

O lingüista Guy Deutscher² assim se expressa acerca da analogia:

Como se lembrará qualquer um que já tenha tentado aprender uma língua estrangeira, quanto mais ordem e regularidade se puder apreender, menos formas individuais será preciso memorizar. [...] Se não fosse possível extrair padrões

¹ Ilari, R. & Basso, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo, Contexto, 2006, p. 102.

² Deutscher, G. *The Unfolding of Language*. New York, Metropolitan Books, 2005, p. 174.

recorrentes da massa de informações novas a ser absorvida, nossas mentes simplesmente se atolariam nos detalhes.

A capacidade de depreender padrões não é crucial apenas quando se aprende uma língua estrangeira: também é vital para as criancinhas às voltas com sua língua materna. Os bebês não sugam a língua materna junto com o leite materno, eles precisam depreender por conta própria todo o bendito sistema, e a massa de informação que eles têm de assimilar é de enlouquecer. O fardo fica mais leve, porém, quanto mais padrões recorrentes eles puderem identificar. Por isso não admira que as crianças ajam na suposição de que quase tudo na língua deve seguir regras simples e regulares, e daí vêm os erros mimosos do tipo “um afoto”, “se eu sesse”, “mais grande” etc. Esses equívocos nada mais são do que tentativas perfeitamente sensatas de introduzir ordem em recantos da língua que se mostram um tanto bagunçados e irregulares. Às vezes, as crianças conseguem até mesmo passar a perna no princípio básico da arbitrariedade do signo. Não contentes com a idéia de que as palavras significam alguma coisa somente por convenção, elas encontram padrões significativos nas palavras mais aleatórias. Um caso muito citado é o de um espertinho de fraldas que, quando apresentado a um garfo (*fork*) com apenas três dentes, estudou o objeto atentamente e, com a maior naturalidade, decretou que se tratava de um *threek*³.

À medida que vão crescendo, as crianças gradualmente aprendem que há áreas de sua língua que não se submetem a regras regulares, de modo que a maioria dos equívocos é corrigida: “um afoto” é substituído por *uma foto*, “se eu sesse” por *se eu fosse*, “mais grande” por *maior* etc. Mesmo assim, se tais erros persistirem para além da infância, é possível que ganhem terreno e acabem sobrepujando formas bem estabelecidas. Em inglês antigo, por exemplo, os nomes *eye* e *cow* tinham plurais irregulares: *eyn* e *kine*. Mas, em algum momento, os “erros” *eyes* e *cows* pegaram e acabaram por usurpar o lugar das formas originais.

Caso semelhante ocorreu em português com os verbos *impedir*, *expedir*, *despedir*, que, ainda no século XVII, se conjugavam *eu impido*, *eu expido*, *eu despido* etc. (como em espanhol até hoje). No entanto, por analogia com a conjugação de *pedir* (*eu peço*), aqueles verbos, que não têm nenhum parentesco etimológico com *pedir*, passaram a se conjugar como este. Os verbos *impedir*, *expedir*, *despedir* têm em sua etimologia a raiz de *pes*, *pedis* (“pé”): *impedir* seria travar o pé de alguém, não deixar que se vá. Já o verbo *pedir* provém de *petire* (< *petĕre*).

Desde o surgimento da lingüística histórica, no século XIX, a analogia vem sendo usada como explicação para a ocorrência, na língua, de formas que se desviam do resultado esperado da aplicação das chamadas “leis fonéticas”. Sobre os problemas desse tipo de uso do conceito de analogia remetemos à discussão feita por Carlos Alberto Faraco⁴.

Embora se deva usar, hoje em dia, com mais cautela o recurso à explicação analógica, é evidente que, como processo cognitivo, a analogia de fato atua na produção de formas lingüísticas novas que, uma vez aceitas pela comunidade de falantes, acabam por substituir as formas antigas.

³ A criança deduziu que *fork* provinha de *four* (“quatro”) e, assim, ao ver um garfo de três dentes, formou a palavra *threek*, a partir de *three* (“três”). Podemos citar também o caso de uma menina brasileira que, ao ver búfalos pastando, disse que eram “búfalos e vácalas”, em analogia com “bois e vacas”.

⁴ Faraco, C. A. *Lingüística histórica*. São Paulo, Parábola, 2005, p. 51-57.

Segundo Saussure, “uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, de acordo com uma regra determinada”⁵. Tal regra, segundo ele, pode ser vista como resultado de um quarto termo proporcional. Assim, em muitas variedades do português brasileiro, ocorre o infinitivo *ponhar* no lugar do clássico *pôr* — a regra aqui, portanto é: *sonho* está para *ponho*, assim como *sonhar* está para *ponhar*. Com isso, o verbo *pôr*, com seu infinitivo peculiar, altamente irregular, se torna regular. Evidentemente, não há em nada disso um pensamento racional, algébrico, consciente de criação de uma forma nova — trata-se, muito mais, de um processamento cognitivo que apela para a sempre poderosa intuição lingüística de qualquer falante normal.

6.1 Alguns fenômenos atribuídos à analogia

Mantendo todas as reservas já feitas, passamos agora a examinar alguns casos de mudança lingüística ocorrida em português e que muitos autores têm atribuído a processos analógicos.

6.1.1 Analogia fonética

Era nesse campo que os autores filiados à perspectiva da lingüística histórica do século XIX (sobretudo à dos neogramáticos) buscavam explicar por meio de processos analógicos a não-regularidade de aplicação de certas “leis” fonéticas.

Por exemplo, sabemos que ocorreu a síncope regular do *-l-* intervocálico na passagem do latim para o português: *pala* > *pá*; *malu* > *mau*; *dolore* > *door* > *dor* etc. Com isso, o vocábulo *pilu* não deveria ter se tornado, em português, *pêlo*. Justifica-se a conservação do *-l-* intervocálico aqui à influência exercida pela palavra *cabelo*, do latim *capillu*, em que os /ll/ geminados explicam a manutenção do *-l-* intervocálico em português.

Casos tradicionalmente analisados como processos de analogia fonética na história do português são, entre outros:

- *doze* (< *dodece* < *duodecim*): o /e/, que não deveria ter se mantido, se explicaria por influência do numeral *onze* (cf. ainda *catorze*, *quinze*);
- *estrela* (< *stella*): o /r/ teria surgido por influência de *astro*. Essa explicação, contudo, vem perdendo terreno diante de outros casos em que o grupo *-st-* resultou em *-str-* em português: *mastro* (do francês *mast*), *lastro* (do francês *last*). Temos também a ocorrência da forma *listra*, derivada de *lista*;
- *falar* (< *fabulare*): a evolução regular teria levado à forma *fabrar*, mas resultou em *falar* por suposta analogia com *calar*;
- *ferrolho* (< *veruculu*, “espeto pequeno”): o /f/ se deveria à influência do vocábulo *ferro*;
- *floresta* (< *forest* [francês antigo] < *forestis* (*silva*) “bosque que fica fora da cidade”): a ocorrência do /l/ tem sido atribuída à influência de *flor*, *flora*;

⁵ Saussure, F. *Cours de linguistique générale*, Paris, Payot, 1986, p. 221.

- *fome* (< *fame*): a transformação da vogal tônica, contrariamente à tendência regular de preservação da tônica, se deve, segundo alguns autores, à analogia com a forma *come*, do verbo *comer*, com a qual a palavra tem conexão de sentido (cf. o provérbio: *quem tem fome come*);
- *golfinho* (< *delphinu*): o /g/ e o /o/ surgem por influência do vocábulo *golfo*;
- *lagosta* (< *lacusta* por *locusta*): o /a/, que já aparece em latim, teria origem na influência do vocábulo *lacu* (“lago”);
- *noventa* (< *nonaginta*): o /v/ resultaria da analogia com *nove*;
- *sim* (< *sic*): a nasalização se explicaria por influência analógica do vocábulo *não*, com o qual o advérbio tem conexão de sentido.

Processos analógicos como os listados acima estão presentes também no que se chama tradicionalmente de “etimologia popular”, termo bastante inadequado, porque não se trata de buscar uma origem para a palavra empregada, mas sim de associá-la a algum termo com o qual se julga que ela tenha algum vínculo semântico no presente. Por exemplo, na palavra *barriguiha* (por *braguilha*, diminutivo de *braga*, espécie de calção) está presente a associação com *barriga*; em *vagamundo* (por *vagabundo*), a associação com *mundo*.

Em 2007 circulou pela internet a propaganda de algo chamado “a flor de zíaco” (por *afrodisíaco*). Muitos comentários sarcásticos sobre a “ignorância” do autor do anúncio também circularam. No entanto, um exame mais atento da história da língua mostrará que muitas formas hoje consideradas “cultas” e “corretas” tiveram origem em processos analógicos idênticos a este.

O nome *Tiago*, por exemplo, é resultante da análise equivocada de *Sant'Iago* (*Santo Iago*) como *San Tiago*. O mesmo vale para *Telmo*, que provém de *Sant'Elmo* (*Santo Elmo*) e não de *San Telmo*. A palavra *obispo* foi reduzida a *bispo* por se considerar que o inicial era o artigo, o mesmo valendo para *batina* que era na origem a veste *abatina* (do abade). Já na palavra *aleijão* ocorreu o contrário: o artigo se aglutinou com o nome, a *lesione* (“a lesão”).

6.1.2 Analogia morfológica

Conforme escrevem W. Cardoso e C. Cunha⁶:

É, sem dúvida, a morfologia o domínio da língua onde com maior freqüência se observam os fenômenos analógicos. Numa língua, como o português, em que é grande a complexidade das formas flexionais, o papel desempenhado pela analogia morfológica assume excepcional relevância, pois por sua conta corre toda uma simplificação da acidentada variedade do sistema.

O campo de maior atuação da analogia morfológica é, nesse aspecto, o da conjugação verbal, onde mais nitidamente se revela o processo de busca e obtenção de paradigmas cada vez mais regulares.

⁶ Cardoso, W. & Cunha, C. *Estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978, p. 215.

Por exemplo, no caso do **imperfeito do indicativo**, a 1ª e 2ª pessoas do plural em latim não apresentava a acentuação proparoxítona do português: *amabámus*, *debeámus*, *vendeámus*, *punibámus*. No entanto, por analogia com a acentuação das pessoas do singular, a sílaba tônica passou a ser a mesma em toda a conjugação deste tempo: *amávamos*, *devíamos*, *vendíamos*, *puníamos*. O mesmo aconteceu com o **mais-que-perfeito**, que tinha acentuação paroxítona em latim na 1ª e 2ª pessoas do plural — *amarámus*, *deberámus*, *venderámus*, *punirámus* — e passou a tê-la proparoxítona: *amáramos*, *devêramos*, *vendêramos*, *puníramos*.

Como a analogia opera sobretudo na regularização das irregularidades, vale a pena comentar o que ocorreu na conjugação de alguns verbos irregulares:

- **ser** (< *sedere*): a 1ª pessoa do latim, *sum*, levou à forma *som* e, posteriormente, *so* no português arcaico; mas por analogia com *estou* surgiu a forma atual *sou*. A 3ª pessoa, *est*, se transformou em *es* no português arcaico (forma que ainda é a do espanhol), mais tarde mudada para *é* para não ser confundida com a 2ª pessoa (*tu és*). A 3ª pessoa do plural, *são*, não pode ser explicada como derivada do latim *sunt*, mas por analogia com *dão* e *hão*. A 2ª pessoa do plural em latim era *estis*; no entanto, já em latim, havia surgido a forma *sutis*, por analogia a *sumus* e *sunt*; na língua arcaica também houve a forma *sondes*, analógica de *somos*. O particípio passado *sido* não tem origem no latim: foi formado por analogia com os verbos da 3ª conjugação portuguesa. Os processos analógicos não se interromperam na língua antiga: em variedades atuais do português brasileiro encontramos a forma *tu soi(s)*, analógica a *eu sou*.
- **estar** (< *stare*): no pretérito perfeito da 1ª pessoa tinha, na língua antiga, a forma *estede*, derivada regularmente de *steti*; a forma atual, *estive*, se formou por analogia com *tive*, mesmo processo que transformou a 2ª pessoa *estedeste* (< *stetisti*) em *estiveste*. No subjuntivo, a 1ª pessoa do presente era *estê* (< *stem*), mudada para *esteja* por analogia com *seja*.
- **ter** (< *tenere*): *tenui* > **tēvi* > **tīve*; analógica ou não, a forma *tive*, do pretérito perfeito, atuou, por analogia, na conservação do *-i-* das demais pessoas, com exceção da 3ª do singular, e em todas as formas dos tempos derivados (*tivera*, *tivesse*, *tiver*).
- **saber** (< *sapere*): a 1ª pessoa do presente do indicativo latino *sapio* deveria ter produzido, em português, *sábio*, *seibo* ou *seivo*; a forma atual *sei* é provavelmente analógica, surgida por influência de *hei* (< *habeo*).

6.1.3 Analogia sintática

Na mesma obra citada mais acima, Cardoso e Cunha (p. 225) escrevem o seguinte acerca da analogia sintática:

Costuma-se dizer que a sintaxe de uma língua constitui um sistema fechado, onde dificilmente logram penetrar as inovações decorrentes do uso da fala. Por isso mesmo, a atuação analógica, decorrente do cruzamento de construções similares, não consegue vingar, na área da sintaxe, com a mesma força com que opera em outros domínios da língua. Neste ponto, como em nenhum outro, a polícia gramatical consegue realizar a tarefa da correção acadêmica.

Esse trecho revela um conceito muito estreito de *sintaxe* e, sobretudo, um discurso caracteristicamente normativo-prescritivo, que se revela em termos como “não consegue *vingar*”, “*polícia gramatical*” e “*correção acadêmica*”. A sociolinguística variacionista, desenvolvida a partir da década de 1960, já demonstrou que a sintaxe (e os outros componentes da língua) não é um “sistema fechado”: ao lado das regras *categóricas*, que não exibem variação social, existem as regras *variáveis* que podem ser prenúncios de mudanças futuras na língua.

O estudo da língua em seus desenvolvimentos históricos tem revelado as muitas transformações por que tem passado a sintaxe. No entanto, como se sabe, este não era um campo de interesse dos filólogos e linguistas históricos de formação clássica, que se ocupavam essencialmente de fonética e morfologia.

Casos evidentes de analogia sintática são, por exemplo, as mudanças ocorridas na **regência** de muitos verbos:

REGÊNCIA ANTIGA	REGÊNCIA ATUAL
RESISTIR ALGUMA COISA “Para esperar e resistir <u>os assaltos</u> de tão bravo inimigo”	RESISTIR <u>A</u> ALGUMA COISA “Ele não conseguiu <u>resistir às pressões</u> e acabou se demitindo!”
PERGUNTAR ALGUÉM ALGUMA COISA “Perguntou- <u>o</u> que homem era”	PERGUNTAR <u>A</u> ALGUÉM ALGUMA COISA “ <u>Pergunte ao João</u> se ele vem almoçar”
ROGAR ALGUÉM ALGUMA COISA “Rogou- <u>o</u> mui aficadamente que lhe mostrasse o santo”	ROGAR <u>A</u> ALGUÉM ALGUMA COISA “ <u>Rogo a Deus</u> que me proteja!”
MERECER <u>DE</u> + INFINITIVO “Depois que eu conheci Jesus Cristo e mereci <u>de ser</u> seu servo”	MERECER + INFINITIVO “Ninguém <u>merece ser</u> tratado assim!”
COMEÇAR + INFINITIVO “Começou <u>fazer</u> suas orações”	COMEÇAR <u>A</u> + INFINITIVO “Já vai <u>começar a chover</u> de novo?”
JURAR <u>DE</u> + INFINITIVO “Jurou <u>de</u> nunca mais <u>vestir</u> armas”	JURAR + INFINITIVO “Sandra <u>jurou estar</u> dizendo a verdade”

E assim como aconteceram essas mudanças do passado para o presente, também no presente da língua observamos transformações nas regências tradicionais:

REGÊNCIA CONSERVADORA	REGÊNCIA INOVADORA
Assiti <u>ao</u> filme	Assisti <u>o</u> filme
Atenda <u>ao</u> chamado	Atenda <u>o</u> chamado
Evite <u>fazer</u> compras inúteis	Evite <u>de fazer</u> compras inúteis
A reforma do prédio implicou <u>gastos</u> não previstos.	A reforma do prédio implicou <u>em gastos</u> não previstos.
Zilda <u>namora</u> Zélio	Zilda namora <u>com</u> Zélio
Obedeça <u>ao</u> regulamento	Obedeça <u>o</u> regulamento
Já paguei <u>ao</u> marceneiro	Já paguei <u>o</u> marceneiro
Prefiro abacaxi <u>a</u> manga	Prefiro [mais] abacaxi <u>do que</u> manga
Responda <u>ao</u> questionário	Responda <u>o</u> questionário
Pedi <u>a</u> Pedro <u>que falasse</u> com você.	Pedi <u>para</u> João <u>falar</u> com você.

Os autores citados acima dizem que transformações desse tipo “não contam com o beneplácito dos mestres”. No entanto, as mudanças introduzidas na língua decorrem

exclusivamente da ação de seus falantes em suas interações sociais, que não dependem, em nada, do “beneplácito dos mestres”.

7. O PAPEL DOS SUBSTRATOS E SUPERSTRATOS

7.1 Substrato ibérico e céltico

Em 218 a. C, quando os romanos desembarcam em Ampúrias, encontram uma Península bastante fragmentada, habitada por povos e tribos de origens muito diversificadas. Desde cedo, por via continental ou marítima, vagas sucessivas de migrações tinham sido atraídas por uma situação geográfica privilegiada. Vestígios arqueológicos, notícias de historiadores latinos e gregos, topônimos de origem não latina, nos fornecem os escassos conhecimentos que possuímos sobre estes povos. Iberos, vindos do Norte de África cerca do III milênio a. C., tinham-se estabelecido no Sul e Este peninsulares; no Centro e Oeste fixaram-se, em sucessivas vagas, celtas; na costa meridional havia colônias fenícias e, na cadeia montanhosa ao norte, bascos.

À variedade étnica correspondia a variedade lingüística. E a ação romanizadora, de que resultou a implantação do latim, reflete, em grande medida, esta variedade: a assimilação cultural implicou um período de bilingüismo, mais ou menos longo, em que características das línguas nativas penetraram, com maior ou menor intensidade, na língua recentemente adquirida e que viria a tornar-se dominante. O bilingüismo, num jogo de compromisso entre hábitos articulatórios da língua materna e a aquisição de uma nova língua, permite que tendências lingüísticas pré-existentes atuem sobre a

marcha evolutiva da língua que se adquire. É a ação de **substrato**. É um processo que, não se refletindo necessariamente de forma imediata na língua, pode transformá-la paulatinamente, imprimindo-lhe uma feição particular, dialetalizando-a e provocando uma diferenciação lingüística que emergirá, mais tarde, em momentos de enfraquecimento da norma instituída.

Se pouco sabemos sobre os povos que habitavam a Península em época pré-romana, menos ainda conhecemos as línguas que eles falavam e que podem ter funcionado como substratos do latim hispânico. A uma unidade lingüística protobasca tem sido atribuído o fenômeno de **betacismo** (não distinção entre *b* e *v*) que caracteriza os dialetos setentrionais portugueses, o galego e todos os falares originários do norte peninsular (como o castelhano), bem como a queda do **l** e **n** intervocálicos latinos no galego-português (*dolore* > port. *door* > *dor* / cast. *dolor*; *lana* > port. *lãa* > *lã* / cast. *lana*) e o apagamento do **f** latino inicial no castelhano (*farina* > cast. *harina* / port. *farinha*).

A unidade lingüística celta teve especial importância para a diferenciação do domínio lingüístico galego-português: ela provocou uma evolução dos grupos iniciais latinos **pl**, **cl** e **fl** (*plicare* > > *chegar*, *clave* > *chave*, *flamma* > *chama*) distinta da evolução dos outros falares ibéricos (cast. *llegar*, *llave*, *llama*), nos quais, porém, também se nota um processo de palatalização.

Ao substrato celta se atribui, ainda, dois dos traços que distinguem as línguas românicas ocidentais das orientais: o processo de abrandamento (**lenição**) das consoantes oclusivas intervocálicas e a evolução do grupo **-kt-** latino. Enquanto nas línguas da România Ocidental (português, galego, castelhano, catalão, francês, provençal, franco-provençal), que sofrem a influência do substrato celta, as oclusivas intervocálicas se sonorizam e o grupo medial **-kt-** evolui através da semivocalização (*sapere* > *saber* e *nocte* > *noite*, em português), na România Oriental (italiano, romeno, moldavo) as oclusivas são conservadas e o grupo **-kt-** sofre assimilação (*sapere* > *sapere* e *nocte* > *notte*, em italiano). O substrato terá sido, portanto, um fator importante na diferenciação do latim do Império e na dialetalização da Hispânia.

Nos finais do século IV d. C., a Península, pacificada e próspera, estava completamente romanizada: as leis, a organização política e social e a cultura romanas tinham se imposto; o latim vulgar hispânico suplantara, já, as antigas línguas indígenas. Contudo, nem todo o território apresentava o mesmo grau de romanização: a franja das cordilheiras do Norte estava menos romanizada do que os centros urbanos meridionais, e os bascos permaneciam à margem da romanização.

7.2 Superstrato germânico

A partir do início do século V chegam à Península Ibérica hordas de invasores germânicos: em 409, alanos ocupam a Lusitânia e a Cartaginense; suevos e vândalos a Galécia e a Bética. Nos anos seguintes, todos, à exceção dos suevos, são derrotados pelos visigodos. O reino suevo, com capital em Braga, ocupará a Galécia por mais um século mas acabará, também, por ser integrado na monarquia visigoda.

As invasões germânicas não ocasionaram uma ruptura brusca na vida da sociedade hispânica. A conversão dos visigodos ao catolicismo, nos finais do século VII, testemunha a supremacia da cultura hispano-romana sobre a dos invasores. O direito romano continuou a ser aplicado, as divisões administrativas romanas se mantiveram, os

costumes e tradições hispânicos sofreram poucas alterações. Os visigodos, já romanizados quando empreendem a conquista da Península, diluem-se, assim, na população e na cultura hispano-romanas.

É neste quadro que a influência germânica na evolução lingüística da Hispânia se reduz, principalmente, a um enriquecimento lexical. O vocábulo *broa* tem origem sueva; *ganso*, *luva*, *íngreme* são exemplos de empréstimos vocabulares visigodos. Muitas palavras de origem germânica presentes no português, como *guerra*, *guardar* ou *trégua*, são termos que pertenciam já ao latim vulgar, como prova o fato de se registarem por toda a România Ocidental (fr. *guerre*, *garder*, *trêve*).

No onomástico peninsular encontramos um importante contributo germânico, os **patronímicos**. De uma construção sobre nomes próprios resultam antropônimos tão freqüentes no português como Gonçalves, Rodrigues ou Soares. Um nome como Gonçalves significava, então, “filho de Gonçalo”. Esquecidos, agora, a construção e o significado originais, muitos destes antigos patronímicos se conservam como nomes de família. Patronímicos muito freqüentes de origem germânica são os que contêm o elemento *ric[o]* (de *riks*, “chefe, rei”: *Ricardo*, *Frederico*, *Américo*, *Rodrigo* [*< Roderico*], *Alberico*, *Odorico*), o elemento *ardo* (de *hardt*, “duro, forte”: *Eduardo*, *Leonardo*, *Ricardo*, *Gerardo*, *Everardo*), o elemento *berto* (“brilhante”: *Alberto*, *Gilberto*, *Roberto*), o elemento *fredo* (de *fried*, “paz”: *Alfredo*, *Frederico*, *Godofredo*), o elemento *mundo* (“proteção, apoio”: *Raimundo*, *Edmundo*, *Sigismundo*), além de dois dos nomes próprios mais comuns da língua, *Luís* e *Carlos*.

Apesar de não serem muito numerosas, é possível identificar influências germânicas noutros domínios além do léxico. A influência das línguas germânicas, com um forte acento de intensidade, está na origem, também, da ditongação, no centro da Península Ibérica, das vogais tônicas abertas /□/ e /□/, resultantes das vogais breves latinas *ō* e *ē*, contribuindo, assim, para a diferenciação entre português (*porta* > *porta*, *petra* > *pedra*) e castelhano (*puerta*, *piedra*).

Talvez o mais significativo resultado das invasões germânicas tenha sido o fato de concorrerem para a fragmentação lingüística, não tanto provocando diretamente, enquanto **superstrato**, mudanças lingüísticas, mas desmembrando o Império, fracionando a România, separando a área ocidental da oriental (com superstrato eslavo) e apartando a Península do resto do Império.

Nos três séculos em que a Península se encontra dominada pelos visigodos a língua sofre profundas mudanças que vão acentuando uma diversidade que se funda na transformação do **latim vulgar hispânico** (ou seja: o latim vulgar que se implantara na Hispânia) pela acção dos substratos, favorecida pelo isolamento de algumas regiões. Na Galécia, tardiamente incorporada no Império Romano, fracamente romanizada, povoada por colonos que se dedicam essencialmente à agricultura e, durante mais de um século, reino suevo separado da Península visigoda, a língua tomará uma feição particular, enformada pelo efeito dos substratos, cuja emergência é favorecida por circunstâncias como o corte de comunicações ou os vazios de poder. À variação própria do latim vulgar e ao contato desse latim com línguas de substrato e superstrato, devemos, ainda, adicionar as circunstâncias geográficas (a situação periférica da Península — e, em particular, da Galécia — em relação a Roma), históricas (invasões germânicas, fragmentação do Império) e sociais (maior ou menor centralização da língua, imposta por instituições como a Escola ou a Igreja, influência cultural de centros urbanos). Este

mosaico complexo conduziria, necessariamente, à diversificação da língua. Ainda assim, o romance visigótico falado no século VIII na Península Ibérica devia apresentar uma relativa unidade. A destruição dessa unidade lingüística acompanhará a queda do império visigodo e se traduzirá na emergência de falares regionais.

7.3 Superstrato árabe

Em 711 os árabes invadem a Península. Uns dois anos depois já tinham subjugado toda a região meridional e, subindo até o Mondego, empurram os hispano-godos para a cordilheira norte. Instauram uma administração árabe, centrada em Córdova. Após alguns episódios mais ou menos sangrentos, a zona sob domínio árabe, pacificada, apresenta um panorama que, durante cerca de cinco séculos, não mudará muito: cristãos no norte; muçulmanos, hispano-godos convertidos ao islamismo, moçárabes e judeus no centro-sul.

A nobreza visigoda, refugiada no norte, se organizará em reinos de onde partirão os movimentos de reconquista territorial. Mais ao sul, onde convivem povos e religiões diversas, as populações que não aceitam converter-se acabarão por ser toleradas pelo invasor. Os **moçárabes** (termo de origem árabe, que designa a população cristã vivendo sob o domínio árabe) preservam a sua identidade cultural, mantêm os costumes e as tradições cristãs. Após uma fase de confrontos entre cristãos e árabes, a reação à colonização se manifesta, principalmente, como resistência no nível cultural e lingüístico. O romance moçárabe, continuação do **romance visigótico**, continua a ser falado por estas populações que conhecem, forçosamente, também o árabe. É assim que a nova língua de cultura, o árabe, convive no mesmo espaço com um estrato lingüístico de origem latina. Esta convivência permite a ação do superstrato árabe, que se materializa, fundamentalmente, num contributo lexical.

É sabido que uma boa parte da toponímia portuguesa tem, em especial ao sul do Mondego, uma feição árabe: topônimos como os constituídos a partir de *ode-* (“rio”) (*Odemira*, *Odeceixe*, *Odivelas*) ou iniciadas por *al-* (*Aljezur*, *Alfama*) são de origem árabe.

Também o léxico comum se enriqueceu com termos árabes. Nos campos semânticos referentes à administração e à guerra (*alcaide*, *almirante*, *alferes*, *alfândega*, *algazarra*, *alarido*), à arquitetura e organização urbana (*alpendre*, *açotéia*, *tabique*, *azulejo*, *andaime*, *armazém*, *bairro*, *aldeia*), à agricultura (*açude*, *azenha*, *arroz*), à ciência (*algarismo*, *álgebra*, *cifra*, *azimute*, *zênite*), os empréstimos se multiplicam. Exemplos de vocábulos designando instrumentos (*alicate*, *alfinete*, *almofariz*, *rabeca*, *tambor*), plantas e frutas (*alecrim*, *alfazema*, *algodão*, *tremoço*, *azeitona*, *laranja*, *limão*), alimentação (*xarope*, *açorda*, *almôndega*) dão uma pálida idéia do peso do léxico árabe no português que falamos. Muitos destes vocábulos foram caindo em desuso: *alfageme*, *almotacé* são profissões que já não existem; os portugueses raramente usam as antigas medidas *alqueire* ou *arrátel*; mas ainda vestem *ceroulas* e comem *regueifas* e *aletria*. A palavra *oxalá*, ainda freqüente ao menos em textos escritos, é um arabismo, derivado de *wa ša ‘llah*, “queira Deus”.

Os empréstimos lexicais mostram bem como o domínio árabe impõe uma cultura superior à ibérica em muitos aspectos. Técnicas novas, instrumentos e produtos desconhecidos invadem a Península e, com eles, as suas designações originais. A abundância de termos árabes ilustra a importância destes objetos e conceitos novos na

vida quotidiana da população moçárabe. Uma grande parte destes empréstimos penetra, assim, facilmente no romance moçárabe, resultado do encontro entre invadidos e invasores. Mas muitos são espelho de um contato estreito e longo, que se prolongará ainda por muito tempo após a reconquista cristã e que permitirá uma lenta e continuada interpenetração cultural.

Apesar de sua presença significativa no léxico das línguas românicas peninsulares, o superstrato árabe não as modificou de forma profunda. Em vez de superstrato usa-se freqüentemente a designação **adstrato** para fazer referência a este convívio lingüístico “pacífico”: estrato românico e árabe se influenciam mutuamente mas essa influência não se traduz em profundas transformações lingüísticas que modifiquem o rumo de qualquer deles. Do domínio árabe não resultou uma “arabização”. O processo de aculturação, consequência das invasões romanas — a romanização —, não encontra paralelo no desenvolvimento das relações entre árabes e hispanos-godos. A forte presença árabe na toponímia e a sua quase ausência na antroponímia peninsulares (embora alguns topônimos tenham sido construídos a partir de antropônimos, como *Fátima*) refletem uma estratégia de domínio político-administrativo muito diferente da romana e, até, da germânica. Roma integrou a Hispânia no Império, romanizando-a; os visigodos integraram-se na sociedade hispano-romana. Os casamentos mistos podem ser encarados como um símbolo da miscigenação resultante dos domínios romano e visigodo: materializados em bilingüismo, permitem a ação de substratos e superstratos. É assim que temos tantos antropônimos latinos e germânicos, mas tão poucos árabes. Foram certamente abundantes os casamentos entre árabes e romano-godas, dada a escassez de mulheres na população invasora, mas não terão sido suficientes para deixarem marca profunda na antroponímia hispânica.

Se a ocupação árabe trouxe para a Península um enriquecimento cultural do qual sobrevivem abundantes vestígios até os nossos dias, bem visíveis em vários domínios em que o invasor tinha atingido um nível de desenvolvimento mais avançado do que o que lá encontrou — sobretudo na arquitetura —, o certo é que a sua língua não substituiu os romances ibéricos.

A presença árabe na Península durante cerca de cinco séculos modifica profundamente o cenário em que os romances peninsulares se desenvolvem. Ao sul se conserva um romance arcaizante, o **moçárabe**, continuador do romance visigótico. A língua de cultura, o árabe, interfere de duas formas na evolução do romance moçárabe: por um lado, enriquece-o lexicalmente, por outro asfixia-o, relegando-o ao estatuto de língua falada na intimidade familiar.

Em tão vasto território como o ocupado pelos árabes, o romance moçárabe foi-se dialetalizando. Sobre a sua diversificação, contudo, sabemos pouco. Condenado a desaparecer com o avanço da reconquista cristã, a caracterização do moçárabe — língua falada sob o jugo árabe — levanta dificuldades semelhantes àquelas com que nos depa-ramos quando pretendemos traçar o perfil do latim vulgar. Topônimos de origem latina, que se conservam na antiga área moçárabe, como *Mértola*, *Fontanelas* ou *Arneiro* (frente a *Areeiro*, resultado galego-português do latim *Arenariu*), demonstram, por exemplo, que o moçárabe conservou o **-l-** e **-n-** latinos intervocálicos.

Restam, ainda, algumas atestações do moçárabe, presentes nas **moaxás**. Nestas composições poéticas árabes (testemunho de uma tradição poética que poderá ter encontrado continuação nas cantigas de amigo galego-portuguesas), escritas em alfabeto

árabe ou hebraico, os últimos versos, as **hardjas**, eram ocasionalmente compostos em moçárabe e revelam um romance conservador, imune a mudanças que caracterizam os outros romances peninsulares. A síncope de **-l-** e **-n-** e a evolução dos grupos latinos iniciais *pl*, *cl*, *fl*, próprias do galego-português (*plenu* > port. *cheio* / cast. *lleno*), não ocorrem no romance moçárabe. Também traços que caracterizam o castelhano, como o apagamento de **f** latino em contexto inicial ou a monotongação dos ditongos latinos *ai* e *au* (*ferrariu* > cast. *herrero* / port. *ferreiro*, *auru* > cast. *oro* / port. *ouro*), não se verificam no moçárabe.

Trata-se, portanto, de um romance profundamente arcaizante mas marcado, também, pela renovação lexical resultante do contato com a cultura árabe.

7.4 Conseqüências da Reconquista

Entretanto, ao norte, do reduto cristão parte um movimento descendente de reconquista e, à medida que este movimento se consubstancia em alargamento territorial, traduz-se também numa compartimentação em reinos. Assim dividida, a sociedade hispano-goda irá empenhar-se num processo expansionista, quer reconquistando progressivamente regiões ocupadas pelo invasor, quer afirmando entidades políticas diferenciadas, defendendo e alargando o seu território à custa não só de áreas reconquistadas mas também da expansão sobre o território dos reinos vizinhos.

Ora, a constituição de reinos distintos implica a criação de fronteiras políticas. E as fronteiras políticas se transformarão em fronteiras lingüísticas. O romance do Norte vai-se compartimentando, assim, em dialetos diferenciados pela ação de substratos e superstrato. Galiza e Portugal, Astúrias e Leão, Castela, Navarra e Aragão e Catalunha afirmam-se como entidades políticas distintas e, conseqüentemente, como núcleos lingüísticos distintos. Em cada uma dessas regiões e, portanto, em cada um destes romances — galego-português, astur-leonês, castelhano, navarro-aragonês e catalão —, características diferenciadoras vão tomando forma. O contato com populações de origem pré-romana como os bascos (que manterão, sempre, a sua língua) provocou, no castelhano, a queda do **f** inicial latino e favoreceu a síncope de **-l-** e **-n-** em contexto intervocálico no galego-português; o substrato celta determinou a evolução de *pl*, *cl* e *fl* iniciais latinos no galego-português. O superstrato germânico conduziu a uma ditongação das vogais abertas tónicas no castelhano. A compartimentação territorial, ao traçar fronteiras e isolar núcleos populacionais, só pode ter potencializado a fixação destes fenômenos lingüísticos diferenciadores.

Por volta do ano 1000, no noroeste peninsular, a Galécia Magna, uma região que se estendia da Galiza a Aveiro abarcando, ainda, uma faixa das Astúrias, delimitava já um romance com contornos peculiares. O léxico, de base latina, que incorporara termos pré-latinos e germanismos latinizados apresentaria uma feição arcaizante, resultado de uma romanização pouco firme e do isolamento geográfico — situação periférica em relação aos centros de inovação lingüística —, aliados à diferenciação proporcionada pela separação do noroeste, como reino suevo, da península visigoda. Esses mesmos fatores podem ter, por outro lado, favorecido o desenvolvimento de traços inovadores que têm a ver com a ação de hábitos articulatórios pré-latinos. É assim que o romance do noroeste, além de acumular as evoluções comuns ao latim vulgar da România Ocidental com aquelas próprias do romance visigótico, revela inovações que o distinguem dos outros núcleos lingüísticos. Não é ainda Portugal, não é ainda língua portuguesa. Mas é na história deste romance falado no canto noroeste peninsular que devemos procurar as

origens do português. Porque as circunstâncias históricas determinaram que neste canto da Península se desenvolvesse um romance, resultado de um tecido de complexas interações lingüísticas, que vai adquirindo personalidade própria. Antes de Portugal, antes do português, no limiar do século X, já estava constituído um romance que apresentava as duas características que o definem no quadro peninsular: já os grupos *pl-*, *cl-*, *fl-* tinham evoluído para [t□], o *n* já tinha nasalizado a vogal anterior (criando as vogais nasais próprias do português) e sofrido síncope entre vogais. O primeiro processo terá ocorrido ainda durante o período germânico; a evolução de *-l-* e *-n-* prolongou-se pelo período da ocupação árabe.

8. FORMAÇÃO DO LÉXICO PORTUGUÊS

8.0 Introdução

Os complexos desenvolvimentos históricos por que passou a região que viria a se constituir no estado independente chamado Portugal estão bem refletidos na composição heterogênea do **léxico** da língua portuguesa. Evidentemente, por ser o português uma língua **românica**, seu léxico é na essência de origem **latina**, de modo que o latim constitui o **estrato** principal do seu vocabulário. Como **substrato**, temos as contribuições das línguas faladas naquela região antes da chegada dos romanos, faladas por populações de origem variada que adotaram o latim. Como **superstrato**, temos as contribuições das línguas faladas por populações que advieram séculos depois da conquista romana (germânicos e árabes), populações que não impuseram sua língua aos povos conquistados, mas ou adotaram o romance ali falado (caso dos germânicos) ou formaram uma cultura em que as duas línguas conviviam lado a lado (caso dos árabes).

No estudo do léxico, convém distinguir as **palavras hereditárias** das **palavras de empréstimo**. As palavras hereditárias são a porção do léxico composta pelos vocábulos de origem latina e pelas contribuições pré-românicas (substrato) e pós-românicas (superstrato) — tudo isso confluiu para a formação da modalidade especificamente ibérica do latim. As **palavras hereditárias** são aquelas que passaram por todos os processos de mudança lingüística regular que são objeto de estudo na gramática histórica. As **palavras de empréstimo**, por terem chegado à língua por outras vias, não passaram por esses processos de transformação.

8.1 Palavras hereditárias

8.1.1 Elemento ibérico (substrato)

Como vestígio da língua que os romanos encontraram na região, a contribuição ibérica, na verdade pouco numerosa, é representada por vocábulos de origem discutível, embora, em sua maioria, devam ser provenientes do basco: *abarca, abóbora, arroio, áscua, baía, balsa, barro, bezerro, bizarro, cama, esquerdo, garra, louça, manteiga, manto, modorra, páramo, sapo, sarna, seara, veiga*.

8.1.2 Elemento céltico (substrato)

A rigor, a contribuição céltica de substrato na Península Ibérica é menos significativa do que se poderia supor, já que muitos dos vocábulos tidos em português como de origem céltica já tinham se infiltrado no latim por volta do século IV a. C., durante as lutas travadas pelos romanos contra os gauleses do norte da Itália e da França atual. Entretanto, antes da ocupação romana, a Galiza e o norte de Portugal tinham se convertido em centros de cultura céltica e, por isso, é natural que palavras oriundas dessas línguas contribuíssem para a formação do léxico português: *bico, bragas, brio, cabana, caminho, camisa, carpinteiro, carro, cerveja, cheda, duna, gato, lança, légua, peça, touca, trado, vidoeiro, vassalo* etc. Segundo alguns autores, diversos topônimos portugueses têm origem céltica: *Braga, Viseu, Ilhavo, Olisipo* (< *Lisboa*), *Conimbriga* (< *Coimbra*), *Lacóbriga* (< *Lagos*), *Vouga, Zêzere, Tâmega, Tejo*. O próprio nome *Portugal* teria origem céltica: *Portu Cale*, em que o elemento *Cale* significaria “porto” em alguma língua céltica (com isso, o nome seria formado duas vezes pela palavra “porto”). *Portu Cale* era o nome dado à cidade do Porto, a mais importante até hoje no norte de Portugal, nome que se estendeu para o resto do país.

8.1.3 Elemento germânico (superstrato)

Tal como ocorreu com o substrato céltico, muitos vocábulos de origem germânica que constam do léxico português já tinham sido incorporados ao léxico latino muito antes da chegada dos romanos à Península. Palavras como *arenga, bando, carpa, coifa, burgo, sabão* etc. entraram no português por meio do latim. A partir do século V, com a conquista da Península por suevos, vândalos e visigodos, é que novas palavras de origem germânica (predominantemente visigótica) se instalarão na língua portuguesa quotidiana. São em geral palavras vinculadas à arte militar ou designativas de usos e costumes próprios dos povos germânicos: *acha, arauto, agasalho, albergue, anca, aspa, barão, banco, brasa, dardo, esgarbo, elmo, estaca, espora, estribo, feudo, feltro, ganso, garbo, galardão, grupo, guerra, guia, lata, marco, ganso, saga, trégua* etc. Também os nomes dos pontos cardeais têm origem germânica: *norte, sul, leste, oeste*.

É considerável a contribuição germânica ao léxico português, uma vez que se estendeu a adjetivos (*branco, fresco, gris, liso, morno, rico, ufano*), a alguns verbos (*ataviar, agasalhar, adular, bramar, brandir, britar, esgrimir, estampar, escarnecer, roubar, talar*), e à antroponímia (*Afonso, Ataulfo, Álvaro, Adolfo, Arnulfo, Frederico, Ricardo, Rodrigo, Ramiro*, etc.). São também germânicos os sufixos *-engo, -engue, -ardo, -arde* que entram na derivação de *realengo, bordalengo, solarengo, perrengue, covarde, felizardo* e outros.

8.1.4 Elemento árabe (superstrato)

Como já se viu, o árabe conviveu com o romance ibérico muito mais na forma de um **adstrato**, isto é, de uma língua utilizada lado a lado com outra, do que na forma propriamente dita de um superstrato. Isso devido à política de tolerância do conquistador árabe, que não impôs nem a língua nem a religião aos povos dominados. Há uma notável contribuição árabe no léxico do português, sobretudo de palavras relacionadas a plantas, flores e substâncias aromáticas (*algodão, alecrim, alface, alfafa, alfazema, açafraão, açucena, alcachofra, laranja, limão*), a instrumentos agrícolas e musicais, armas e utensílios (*anafil, alauide, adufe, arrabil, atabale, adarga, alicate, alfange, algema, aljava, almofariz, almotolia*), a pesos e medidas (*alqueire, arroba, quintal*), a cargos e ofícios (*alcaide, alfageme, alfaiate, algibebe, almocreve, almoxarife*), a locais diversos (*aduada, alcova, alcáçova, alfândega, armazém, arrabalde*), a alimentos e bebidas (*aletria, acepipe, álcool, almôndega, xarope*) etc. Na maioria dessas palavras se percebe o elemento *al-* inicial, correspondente ao artigo árabe, incorporado à palavra (cp. o português e o espanhol *al-godão/al-godón* com o francês *coton*, de mesmo étimo; ou o port. e esp. *armazém/almazén* com o francês *magazin*, também de mesmo étimo, o árabe *mahazan*).

Fato raro na contribuição de superstratos, o árabe legou ao português uma palavra gramatical, a preposição *até* (do árabe *hatta*), embora essa etimologia ainda seja controversa.

8.2 Empréstimos

Os vocábulos incluídos na categoria das **palavras hereditárias** têm em comum o fato de, apesar de suas origens diversas, haverem contribuído, no mesmo grau, para a constituição da modalidade de latim corrente da Lusitânia. Com isso, eles se adaptaram (como as palavras originárias do fundo românico) às tendências próprias da língua portuguesa no que diz respeito à fonética e à morfologia.

Ora, justamente esse aspecto é o que não se verifica nas **palavras de empréstimo**. Estas entram na língua ligeiramente adaptadas às normas do português (o que se chama **aportuguesamento**) no tocante à ortografia (*abajú, toalete, bife*) e no que se refere a terminações desconhecidas na língua (*chefe, bonde, filme*). No entanto, elas se apresentam como elementos que não se amoldam aos hábitos fonéticos da língua. Como exemplo, citemos a palavra *ópera*, tomada de empréstimo ao italiano, que conserva a acentuação proparoxítona, a surda intervocálica /p/ e a vogal postônica /e/, ao contrário da palavra portuguesa *obra*, que provém do mesmo étimo latino (*opera*).

Os empréstimos se devem, naturalmente, a diversos fatores históricos e culturais, como o contato entre povos e línguas, a importação de modelos culturais considerados superiores, a expansão colonial etc.

Abaixo listamos alguns dos empréstimos mais notáveis presentes no léxico português (não incluímos os empréstimos das línguas ameríndias e africanas ao português brasileiro):

- do **provençal**: *alba, balada, bedel, brial, bruel, coxim, cabrestante, cadafalso, descordo, estribar, estandarte, homenagem, jogral, justa, mesnada, paliçada, palafrém, refrão, rocim, segrel, sirventês, trovador, trovar, tenção, truão, tropel, vianda, viagem* etc.
- do **espanhol**: *airoso, amistoso, antanho, apetrecho, bandarilha, blasonar, bobo, bolero, bonina, castanhola, caudilho, cavalheiro, chiste, dengue, desaire, deslumbrar, despojar, entretenimento, estribilho, façanha, fandango, gado, galã, galhofa, hediondo, hombridade, lhano, mantilha, moreno, pandeiro, pendão, redondilha, regaço, tablado, vislumbrar* etc.
- de línguas **asiáticas**: *azul, bambu, bazar, biombo, bengala, berinjala, chá, cimitarra, divã, jasmim, chita, gaze, jambo, jangada, leque, nenúfar, pires, tafetá, tulipa, zarcão* etc.
- do **francês**: *avenida, boné, chaminé, chapa, chapéu, charada, chefe, cofre, carruagem, estrangeiro, fiança, hotel, jardim, jaula, metralha, pagem, paisagem, sargento, trem, trincar, vantagem, viseira, vitral, vitrina* etc.
- do **inglês**: *bar, basquete, bife, brigue, bonde, cheque, clube, córner, dólar, escoteiro, esporte, futebol, filme, grogue, iate, júri, lanche, lorde, macadame, panfletto, pudim, recital, repórter, revólver, sanduíche, teste, túnel, turfe* etc.
- do **italiano**: *adágio, alegre, andante, aquarela, alarme, alerta, bagatela, bancarrota, banquete, cascata, confete, cortejo, favorito, festim, fiasco, fragata, galera, gazeta, grotesco, maestro, macarrão, piano, pastel* etc.
- do **alemão**: *bismuto, cobalto, manequim, níquel, quartzo, valsa, vermute, zinco* etc.

Convém ressaltar que, devido às circunstâncias geopolíticas atuais, é o inglês a língua que mais empresta palavras, não só ao português, como a todas as demais línguas do mundo.

8.3 Latinismos

No período **renascentista**, que em Portugal se inicia no século XVI, ocorreu um grande movimento intelectual, promovido pelos primeiros gramáticos da língua e pelos literatos de maior renome, que recebe o nome de **relatinização**. Embora o recurso às fontes latinas originais já se registrasse no período medieval, é no Renascimento que chegará ao auge o processo de criação de novos vocábulos alatinados, até então inexistentes no léxico da língua.

Os gramáticos e intelectuais portugueses, no empenho de criar uma língua de cultura erudita capaz de transmitir os novos valores humanistas, filosóficos e científicos, e de ser veículo de uma literatura requintada, recorreram à obra dos grandes escritores romanos, de onde tomaram emprestados muitos termos com os quais esperavam conferir à língua portuguesa uma feição clássica. Não por acaso, é também deste período que datam as primeiras **gramáticas** da língua portuguesa, sendo a pioneira delas a de Fernão de Oliveira, de 1536.

Esse movimento de **relatinização** se produziu por meio de duas atividades:

- a) **introdução de vocábulos novos:** *argênteo, aurífero, belígero, canoro, cornífero, diáfano, devastar, etéreo, fatídico, fulgente, flutuar, hirsuto, imolar, lícido, malévolos, nítido, plúmbeo, procéla, rútilo, superar, trêmulo, truculento, tuba, vibrar, vociferar* etc. (muitos deles empregados pela primeira vez na língua por Luís de Camões em sua obra poética);
- b) **recondução** de vocábulos antigos aos modelos latinos:

FORMA TRADICIONAL	FORMA RELATINIZADA
avondança	abundância
coa	cauda
esmar	estimar
frol	flor
goivo	gáudio
fremoso	formoso
letradura	literatura
marteiro	martírio
obridar	olvidar
chantar	plantar
seenço	silêncio

Esses novos elementos alatinados ou relatinizados constituem, de fato, **empréstimos** como quaisquer outros, uma vez que não se submeteram às regularidades da mudança lingüística que afetaram as palavras do fundo hereditário do léxico da língua. Ao contrário, como no caso da **recondução**, ocorreu precisamente o inverso: as formas oriundas dos processos regulares de mudança foram abandonadas em favor de formas mais próximas ao étimo latino.

8.4 Formas convergentes e divergentes

8.4.1 Formas convergentes

São chamadas de **formas convergentes** aquelas palavras que, em português, apresentam forma idêntica mas étimos diferentes. Essas formas convergentes podem ter origem nos processos regulares de evolução fonética, como no caso da forma *fiar* que corresponde à transformação de *filare* (“tecer”) e de *fidare* (“confiar”), em que ocorreu a síncope da consoante sonora intervocálica. Também podem se originar formas convergentes por meio da entrada, no léxico, de empréstimos recentes. É o caso, por exemplo, de *manga* (“fruta”), provinda do malaio, e de *manga* (“parte do vestuário”), provinda do latim *mánica*.

8.4.2 Formas divergentes

As **formas divergentes** são aquelas que provêm de um étimo comum que se desdobrou em mais de uma palavra na formação do léxico português. Trata-se de um fenômeno de muito maior interesse para o estudo da língua do que o da convergência de formas.

Exemplos clássicos de formas divergentes em português são:

ÉTIMO LATINO	PORTUGUÊS
arbitriu	alvitre alvedrio
articulu	artigo artelho
capitale	cabedal caudal
clavicula	cravelha chavela
cubitu	coto côvado
defensa	defesa devesa
despoliare	despojar desbulhar debulhar
legitimu	lídimo lindo
macula	mágoa malha mancha mangra
plaga	chaga praga
regula	régua regra relha
teneru	terno tenro
vinculu	vinco brinco

Observe-se que no quadro acima não incluímos como formas divergentes as palavras *arbitrio*, *capital*, *clavícula*, *cúbito*, *legítimo*, *mácula*, *plaga*, *vínculo*. Isso se deve ao fato de tais palavras terem entrado no léxico da língua durante a fase da **relatinização**, mencionada acima, e não constituírem, portanto, parte do patrimônio lexical hereditário do idioma. De fato, trata-se, como já vimos, de **empréstimos** tão refratários às tendências regulares de mudança da língua quanto as palavras advindas de outras línguas que não a latina. Aí se encontra a origem do fenômeno conhecido como **divergência** entre palavras de **formação popular** e de **formação erudita**.

8.4.3 Formação popular e formação erudita

As palavras de **formação popular** são aquelas que, no processo de mudança lingüística, sofreram as transformações regulares verificadas no curso da evolução do idioma. Já as palavras de **formação erudita** são aquelas que foram introduzidas conscientemente no léxico por empenho de intelectuais, escritores, filósofos e, mais recentemente, cientistas com o intuito de prover a língua de vocábulos técnicos, literários, eruditos etc.

Como já se mencionou, no processo de **relatinização** ocorrido no Renascimento muitas palavras de formação popular foram reconduzidas ao seu étimo latino: o antigo *fremoso* foi substituído por *formoso*.

Na história do léxico português, muitas vezes notamos que as tentativas de recondução erudita não tiveram êxito total na substituição de uma palavra pela outra, e o que se deu

foi a convivência de formas concorrentes, uma de origem (e portanto de uso) popular, mais freqüente, e outra de origem (e portanto de uso) erudito, menos freqüente:

LATIM	PORTUGUÊS			
	FORMAÇÃO ERUDITA	DATAÇÃO	FORMAÇÃO POPULAR	DATAÇÃO
dígitu-	dígito	1532	dedo	s. XIII
duplu-	duplo	1651	dobro	1277
frígidu-	frígido	1542	frio	1101
mácula-	mácula	1589	malha	s. XIII
másculu-	másculo	1687	macho	s. XIII
matéria-	matéria	s. XIV	madeira	1269
óculu-	óculo	1649	olho	s. XIII
plaga-	plaga	s. XIV	chaga	1297
planu-	plano	s. XIV	chão	1261
rígidu-	rígido	1572	rijo	s. XIII

Como é fácil perceber, as palavras consideradas de formação erudita aparecem em data muito mais recente na língua do que as palavras de formação popular e têm uma forma praticamente igual à do étimo latino, justamente porque resultaram do processo de relatinização da gramática e do vocabulário da língua, ocorrido no período renascentista. As palavras de formação popular, por seu lado, seguem as tendências de mudança inerentes à língua e são de uso incomparavelmente muito mais freqüente, corriqueiro.

9. SINTAXE HISTÓRICA

Estudos tradicionais em sintaxe histórica do português⁷

Em geral, os trabalhos tradicionais sobre sintaxe histórica do português são textos didáticos que se encontram no último capítulo das gramáticas históricas. Faltando, nas épocas em que foram escritos, teorias suficientemente explicativas dos fenômenos envolvidos na estrutura da frase, são textos em que pouco mais se encontra do que a enumeração das unidades lexicais que desde a Idade Média (ou mesmo desde a língua latina) foram perdendo ou ganhando propriedades sintáticas. São trabalhos incontornáveis no avanço do conhecimento em sintaxe histórica, dada a compilação de fenômenos arcaicos que apresentam, mas o seu discurso, de pura descrição individual das propriedades sintáticas das palavras, tem agora de ser complexificado à luz dos novos conceitos que nos veio oferecer a teoria generativa.

Uma lista dos principais textos sobre sintaxe histórica, quer tradicional, quer estruturalista, inclui obrigatoriamente os elaborados por Augusto Epiphânio da Silva Dias, Manuel Said Ali, Joseph Huber e Rosa Virgínia Mattos e Silva.

⁷ Todo o conteúdo deste capítulo foi extraído do seguinte endereço eletrônico: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/gramhist/sxestruturalista.html> (acesso em 9 de abril 2007). A ortografia portuguesa foi mantida.

Bibliografia

DIAS, A. Epiphanio da Silva, 1918, *Syntaxe Historica Portugueza*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1970 (5ª ed.).

ALI, Manuel Said, 1921-23, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Edições Melhoramentos, 1971 (7ª edição).

HUBER, Joseph, 1933, *Altportugiesisches Elementarbuch*. Trad. port. de Maria Manuela Gouveia Delille: *Gramática do Português Antigo*. Lisboa, Gulbenkian, 1986.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e, 1989, *Estruturas Trecentistas. Para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e, 1994, *O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe*. São Paulo/Salvador, Contexto/Editora da Universidade Federal da Bahia.

Querendo destacar as mudanças sintáticas em que este grupo de autores insistiu, não se pode ignorar o tema das concordâncias (sobretudo em número) entre sujeito e predicado e o da evolução funcional dos verbos *ser*, *estar*, *ter*, *haver* e *ir*. No mais, e nos três primeiros autores, sobretudo, o que se encontra é a apresentação dos conceitos centrais da sintaxe (sujeito, predicado, complementos, adjuntos, concordância, regência, valência, ordem de palavras) ilustrados com frases retiradas não do português contemporâneo, mas de textos escritos em épocas passadas.

Sintaxe estruturalista do português arcaico: O trabalho de Rosa Virgínia Mattos e Silva

Rosa Virgínia Mattos e Silva, nas suas *Estruturas trecentistas*, e depois em *O Português arcaico: morfologia e sintaxe*, apresenta uma morfo-sintaxe e uma sintaxe estruturalistas do português do século XIV (mas com aplicação ao período que vai dos séculos XIII a XV) contrastadas, sempre que necessário, com as da língua latina e da portuguesa contemporânea. Uma súmula do seu segundo livro (no que diz respeito ao tema da sintaxe - "Sequências verbais" e "A frase", pp. 61-132) dá-nos uma ideia de como se distinguiam as frases portuguesas medievais das actuais. Utiliza-se aqui uma terminologia devedora quer do léxico da gramática tradicional quer, sobretudo, do do estruturalismo. Os exemplos são quase todos eles da fonte que a autora utiliza preferencialmente: a mais antiga versão portuguesa dos quatro livros dos *Diálogos de São Gregório*, um manuscrito do século XIV, de proveniência desconhecida, mas seguramente copiado em ambiente monacal na região norte de Portugal. Sempre que a fonte dos exemplos utilizados não é citada, estão em causa trechos desses mesmos *Diálogos de São Gregório*.

I - TEMAS "À ESPERA DE AUTOR"

Ao longo do seu texto, Rosa Virgínia Mattos e Silva vai apontando os temas de sintaxe medieval do português cujo estudo mais aprofundado lhe parece necessário (que se encontram “à espera de autor”, como diz). São os seguintes:

1. As formas tónicas do pronome pessoal (*ele, ela, eles, elas*) aparecem esporadicamente em posição de objecto directo. Mattoso Câmara Jr. julgou ver nessas estruturas um recurso enfático mas “nenhuma pesquisa sistemática sobre o tópico no período arcaico investigou esta questão” (Silva, 1994: 103). Veja-se o exemplo deste fenómeno que a autora encontra nos Diálogos de São Gregório: *e o ermitan, pois vio **ele** e seus companheiros e falou com eles muitas cousas, perguntou-os.*

2. As orações completivas (aquelas que desempenham a mesma função que um SN pode cumprir, i. e. sujeito, complemento, predicativo) no português arcaico parecem ilustrar arbitrariedade no uso da preposição. Uma completiva com o verbo no infinitivo e uma completiva introduzida por *que* parecem admitir facultativamente o recurso a uma preposição, mas não há certezas sobre o fenómeno. Ex: *e pera se saber guardar do contrário que **he** falar mal e desaposto, a par de gram trabalho nos **he** de decer.*

3. Ainda nas orações completivas do português arcaico, falta “uma pesquisa acurada” sobre a selecção, por parte do verbo regente (da oração subordinante, portanto), de uma subordinada com verbo em tempo finito, em tempo infinitivo pessoal e infinitivo impessoal (*id.*, *ibid.*:111).

4. A ordem dos constituintes na frase é o outro tema da sintaxe do português arcaico que Rosa Virgínia Mattos e Silva julga insuficientemente contemplado por parte da investigação. Alinha, entretanto, sete conclusões que se lhe afiguram relativamente seguras:

a) Predomina a marcação do sujeito no verbo.

b) A ordem Sujeito Verbo Objecto (SVO) predomina sempre que o sujeito é um SN ou uma forma pronominal; nestes casos, mesmo que o sujeito seja posposto ao verbo, a contiguidade continua a existir.

c) Os factores que favorecem a posposição do sujeito são, ora um verbo intransitivo, ora um complemento circunstancial a iniciar a frase.

d) Há ênfase estilística na colocação do complemento em início de frase (*taaes costumes aviam eles*).

e) É rara a posposição do verbo para depois do sujeito e do complemento, a não ser que o complemento seja realizado pela forma relativa *que*, seguida do sujeito (*vertudes **que** os homens en este mundo **fezeron***).

f) A inversão entre o sujeito e o verbo é favorecida pela presença de um pronome interrogativo no início da frase interrogativa.

5. Por último, as construções perifrásticas, estruturadas à custa de verbos auxiliares (no texto de Rosa Virgínia recebem o nome de *sequências verbais*), estão apenas vagamente descritas quando está em causa o contexto medieval português: “Se na análise sincrónica do português de hoje a questão do auxiliar está longe de ser consensual, mais longe de ser resolvida estará no tratamento do período arcaico do português, sobretudo

por ter sido pouco explorado, por isso insuficientemente conhecido" (*id. ibid.*:62). As sequências verbais duvidosas são as do quadro inserido mais abaixo e a principal questão que envolvem é a de os verbos da esquerda de cada sequência (*ser, haver, ter, jazer, estar, andar, ir*) serem já verbos auxiliares, pertencendo, portanto, à mesma oração dos participípios, gerúndios e infinitivos que precedem, ou não. Neste segundo caso, seriam ainda verbos semanticamente plenos, e não meros suportes gramaticais das marcas de tempo, modo, aspecto, pessoa e número:

ser, haver/ter + participípio passado

Verbos intransitivos arcaicos como *nascer, morrer, falecer, passar, chegar, ir, correr* combinavam o seu participípio passado com *ser* para expressão do aspecto perfectivo (*o meu filho **he morto**, aquele meu amigo **era passado deste mundo***). É consensual que estas sejam construções com auxiliar, mas a questão põe-se quanto ao desaparecimento de *ser* e à sua substituição por *haver* e *ter* nessa função a partir do século XV. Parece que o fenómeno se foi instalando à medida que estes dois últimos verbos, quando combinados com participípios de verbos transitivos, deixaram de exprimir posse. Com efeito, eles eram ainda plenos semanticamente enquanto os participípios que precediam concordavam com o complemento directo; até ao século XVI eram possíveis construções como *os serviços que **avian feitos** a seu padre, non ousaram d'entrar na camara por **a defesa** que el-rei **tinha posta***. A partir do momento (inícios do século XV) em que começou a haver variação entre concordância e não concordância do participípio do verbo transitivo com o seu complemento, *haver* e *ter* foram-se gramaticalizando enquanto suportes de flexão e puderam vir a substituir *ser* nas estruturas compostas com verbo intransitivo. Mas, conclui Rosa Virgínia, "a questão dos tempos compostos[...] precisa de que se analisem mais dados do período arcaico para que possam ser considerados ou reconsiderados aspectos desse problema ainda não resolvidos" (*id., ibid.*:65).

ser, jazer, estar, andar, ir + gerúndio

O momento em que estas construções com gerúndio passaram a ser compostas é difícil de decidir. O sentido etimológico de cada um daqueles verbos mantém-se abertamente em algumas frases arcaicas, mas há casos em que parece estar-se já perante uma combinação de auxiliar com gerúndio:

SEDE:RE ("estar sentado") > *seer* > *ser*

*aqueles que hi **siiam comendo**, achou monges que **siiam lendo*** (não se pode decidir se o sentido era "estavam sentados a ler/a comer" ou apenas "estam a comer/a ler").

JACE:RE ("estar deitado") > *jazer*

*ele **jazia tremendo** e ferindo a terra* ("estava deitado a tremer" ou simplesmente "estava a tremer"?).

STARE ("estar de pé") > *estar*

estando a hũa fêẽstra rogando Nosso Senhor ("rogando de pé" ou "estando a rogar"?).

AMBITA:RE ("deslocar-se com os pés") > *andar*

andava per muitas cidades e per muitas vilas e per muitos castelos e pelas ruas e pelas casas dos homẽs dizendo muitas santas paravoas ("dizia deambulando" ou "andava a dizer"?).

I:RE ("deslocar-se numa direcção determinada") > *ir*

mais Roma ir-s'a destroindo pouco e pouco (a interpretação de *ir* como auxiliar, exprimindo aspecto durativo, é aqui a única possível).

II - PREDICADO

Quanto ao Predicado, a autora adopta uma classificação sintáctico-semântica, distinguindo os predicados existenciais dos atributivos, transitivos e intransitivos (*id.*, *ibid.*:72-86)

Predicados existenciais

O verbo *seer* deixou de ser usado no período arcaico em favor de *haver* (*na cidade d'Aconha foi hũ bispo de gram santidade / Non avia padres santos*). O verbo *existir* só a partir do século XVI passou a desempenhar função existencial. O verbo *ter* veio a ganhar mais tarde, mas só no português do Brasil, essa mesma função.

Predicados atributivos

Nos equativos, *semelhar* desapareceu do léxico. Nos descritivos e locativos, *estar* e *andar* são os que mantêm, ainda hoje, o seu emprego medieval; *jazer* tornou-se arcaizante e *seer* passou a ser usado só para atributos permanentes e não transitórios, como acontecia na Idade Média. Sobre os verbos *seer* e *estar*, convém transcrever a motivação histórica para o contraste entre os dois verbos, tal como a expõe Rosa Virgínia Mattos e Silva:

“Na sua história pregressa, *estar* tem como étimo *stare* ‘estar de pé’. Nessa acepção está documentado no português até fins do século XIV, enquanto *ser* tem uma história complexa de convergência dos verbos latinos *sede:re*, ‘estar sentado’ - nessa acepção ainda em uso, pelo menos até fins do século XIV – e *esse* ‘ser’. Esse fato permite inferir que o traço [+transitório] é o próprio, desde a sua origem, a *estar*, enquanto em *ser* confluem o [+transitório] de *sede:re* e o [+permanente] de *esse*. Não é sem razão histórica, portanto, que, definida a oposição *ser/estar* no português, foi *estar* o verbo escolhido para expressar a transitoriedade” (*id.*, *ibid.*:77).

Quanto aos atributivos possessivos, *haver* tornou-se arcaizante, mas a sua variação com *ter* já não era livre na Idade Média, porque dependia do tipo de posse. A razão, mais uma vez, remontava à língua latina:

“A história semântica pregressa dessas formas sugere o curso dessa mudança: no latim o verbo básico para a expressão de posse é *habe:re* e, segundo Gaffiot [...], a sua acepção primeira é ‘ter em sua posse’, ‘guardar’ e, subseqüentemente, considera, entre os ‘usos figurados – ‘ter na mão’, ‘obter’; enquanto *ter* [...] tem como acepção básica ‘ter algo na mão’, ‘obter’. Já havia no latim, portanto, a intersecção semântica entre *habe:re/tene:re* na referência a algo concreto, ‘ter na mão’. Na história documentada do português, como esboçamos, os seus continuadores já aparecem em variação desde momento recuado na expressão desse tipo de posse, aqui designado por “bens materiais adquiríveis”. isto é, a posse alienável. Daí se difunde *ter* para os outros contextos, enquanto (*h*)*aver* se especializa como verbo existencial, descartando o etimológico *ser*. No correr da história, como já vimos, com (*h*)*aver* existencial entrará *ter* em concorrência, já até predominando em variantes faladas do português [refere-se ao Brasil], tendendo, mais uma vez, a descartar *haver*: no período arcaico, das possessivas e, no atual, das existenciais (*id.*, *ibid.*:79).

Predicados intransitivos

Os verdadeiros intransitivos do português arcaico (aqueles em que o sujeito é a origem mas não o agente do processo expresso pelo verbo) distinguem-se dos actuais apenas por integrarem itens cuja fonética se tornou arcaizante (como *berregar* ou *asseviar*). Os intransitivos neutros, ou ergativos, em que o sujeito não é nem origem nem agente (é antes tema do verbo), podiam e podem ocorrer com o pronome *se* com valor puramente expletivo, continuando a função da voz média latina que se expressava nos verbos depoentes (*veeron a hũũ logar / veo-se pera casa*).

Predicados transitivos

A selecção de complementos preposicionados e não preposicionados é o principal ponto de afastamento entre os verbos transitivos medievais e os seus descendentes nossos contemporâneos. Na Idade Média havia variação entre *gostar* e *gostar de*, *creer*, *creer a* e *creer em*, entre *duvidar* e *duvidar de*. Verbos que seleccionavam preposição deixaram de o fazer passado o português arcaico, e vice-versa, para além de ter podido mudar a forma prepositiva seleccionada (*confiar de* foi, por exemplo, substituído por *confiar em*).

Dentro do próprio português arcaico podia variar, em relação a verbos como *rogar* e *perguntar*, a regência de pronome pessoal em função de complemento directo. No texto da *Demanda do Santo Graal*, há exemplos dessa variação (apresentados inicialmente por Manuel Said Ali): *perguntaron-no que demandava / perguntou-lhe que faria; rogaron-no que lhe dissesse / rogou-lhe que lhe perdoasse*.

III - SUJEITO

O que individualiza o sujeito da oração arcaica em relação ao português de fases posteriores é um conjunto de três fenómenos:

- a expressão do sujeito indeterminado que, para além das estratégias actuais, incluía mais uma, mediante recurso à forma pronominal *homen*

ex: *de cincoenta anos adeante vai ja **homen** folgando e assessegando e quedando das tentações;*

- a inexistência de *se* impessoal com verbos intransitivos (usava-se *homen*, precisamente); o *se* impessoal apenas ocorria com verbos transitivos, funcionando como partícula apassivante

ex: *totalas cousas que son e foron e an de seer, assi aquelas que se farán come aquelas que se nunca farán pero se poderian fazer.*

- a variação na concordância entre o sujeito e o verbo, obedecendo a factores que podiam ser sintácticos ou semânticos:

Factores semânticos

Um sujeito composto, interpretável como uma unidade, podia ocorrer com o verbo no singular (*sua mûcibia e sua fremosura o tornava en pouco siso e en vaydade* – exemplo do século XV, em *Vidas de santos de um manuscrito alcobacense*, editadas por Ivo Castro *et alii*). Paralelamente, um sujeito colectivo podia concordar com o plural do verbo (*muita gente que primeiramente oraran os idolos*).

Factores sintácticos

Um sujeito distante do núcleo do predicado, bem como um sujeito posposto ao verbo, são exemplos de como a ordem de palavras da frase arcaica podia perturbar a concordância entre sujeito e verbo (*em na boca daquela besta eran grandes chamas de fogo que sayam pela garganta della e queimava as almas / e aos brados veo o bispo e todos aquellos*).

IV - COMPLEMENTOS E ADJUNTOS PREPOSICIONAIS

Sobre a função das preposições na sintaxe latina e na das línguas românicas em geral, Rosa Virgínia Mattos e Silva escreve o seguinte parágrafo:

“De partículas acessórias para a expressão de adjuntos adverbiais que já estavam marcados pela seleção do caso morfológico ablativo ou acusativo, as preposições vão ser utilizadas, introduzindo um SN – já perdida [...] a morfologia flexional nominal para a expressão dos casos ou funções sintáticas – para marcar, com exceção do SU e do OD, todas as outras funções sintáticas: complementos verbais e nominais, também os adjuntos adverbiais e adnominais. Tornam-se, portanto, as preposições elementos básicos na estrutura sintática da frase do português, como de todas as línguas românicas. São a utilização da PREP, como demarcador de função sintática, e também a ordem dos constituintes no interior da frase, mais rígida que no latim, os recursos sintáticos que funcionarão nessas línguas em lugar da morfologia casual que era suficiente para a indicação da função sintática na frase latina” (*id.*, *ibid.*:90-91).

As preposições que introduziam complementos de verbos transitivos no português arcaico eram as seguintes: *de*, *a*, *en*, *per*, *con* e *pera* (oriundas das latinas *de*, *ad*, *in*, *per*, *cum* e *per+ad*). As que introduziam adjuntos adnominais e adverbiais também são identificadas por Rosa Virgínia: *de*, para os adjuntos adnominais, exprimindo posse e

proveniência e, por isso mesmo, frequentíssima em qualquer fase do português, mesmo na arcaica; para os adjuntos adverbiais, a autora segue a sua classificação semântica:

Origem	Direcção	Percurso
de <i>nasceu do li~agen mais fram e mais livre e mais rico que avia</i>	a <i>veo a Roma</i>	per <i>foi prelado per muitos anos</i>
des <i>aqueste des sa mancebia ouve coraçon de velho</i>	pera <i>enviaron-no pera Roma</i>	por <i>Constancio foi grande d'aa de fora polos miragres que feze</i>
	ata, atêẽ, atêẽs <i>falando ata a manhã</i>	

Associação / Exclusão	Situação	Adequação
con <i>dava pan con sa mão</i>	en <i>aquel que en religion vivia</i>	segundo <i>era mui fremoso segundo a fremosura do mundo</i>
sen <i>passou sen embargo</i>	ante (exemplo de situações anterior e posterior) <i>e ante seis dias que morresse</i>	
fora, foras <i>isto seya outrossi das forras, fora ende que casen hu poderẽ (Foro Real, séc. XIV)</i>	dentro en (exemplo de situações interior e exterior) <i>era dentro na cidade</i>	
tirado <i>mandou que se fossen, tirado ende</i>	sobre (exemplo de situações superior e inferior)	

<i>hũũ meniño pequeno</i>	<i>a candea que sê sobelo candeeiro</i>	
salvo <i>hi non avia outras cousas, salvo aquelas que veemos</i>	antre (exemplo de situação intermediária) <i>o meniño foi juiz alvitro antre ambos</i>	

V - PRONOMINAIS

Na terminologia estruturalista, que Rosa Virgínia Mattos e Silva adopta, englobam-se na designação «pronominais» quer os pronomes, quer os advérbios. Dividem-se em *pronominais pessoais* (os pronomes pessoais, tónicos e átonos) e *pronominais adverbiais* (os advérbios de lugar, tempo e modo).

Sobre os pronomes pessoais do português arcaico, a autora refere sobretudo o seu alomorfismo e as aglutinações em que as formas átonas se podiam combinar. Algumas variantes converteram-se em arcaísmos, como *el* para *ele*, *mi* para *me*, *lhi* para *lhe*, *mh'o* para *mo*, *ch'o* e *xo* para *to* e *lhillo* para *lho*.

Nos pronominais adverbiais, sujeitos a uma classificação semântica que os divide em *locativos*, *temporais* e *modais*, interessa sobretudo registar os que a autora identifica como arcaísmos:

Locativos	
Deíticos e anafóricos	
arcaísmo	forma sobrevivente
acá <i>e dá acá todalas cousas deste homen que tomasti</i>	cá
acó <i>ei ti mando eno nome de Jesu Cristo que guardes esta entrada e non leixes acó entrar homen que do mundo seja</i>	cá
alá <i>e pera saberes que ti digo verdade, afirmando que foi no ceo, sabe que me deron alá don pera</i>	lá

<i>esto, Pedro, que ti eu ora quero contar</i>	
--	--

Modais	
arcaísmo	forma sobrevivente
outrossi <i>enton o abade deitou-se aos pees do monge Libertino e o monge Libertino outrossi deitou-se ante os pees de seu abade</i>	na mesma maneira
er, ar <i>e assi non acharon nengũũ que podessen fazer bispo, nen er ficou gente nenhũa na cidade de que fosse bispo</i>	na mesma maneira

VI - CONEXÃO DE FRASES

As estruturas que Rosa Virgínia Mattos e Silva aborda sob este título são, sobretudo, as da subordinação e da coordenação.

Subordinação - Em primeiro lugar, trata a autora das subordinadas que na terminologia estruturalista se chamam *completivas* (aquelas em que a oração subordinada pode ser sujeito, complemento ou nome predicativo, ou seja, em que tem as mesmas funções sintáticas que um SN pode desempenhar).

O que constitui contraste entre o português arcaico e o contemporâneo resume-se, neste tema, à variação (fraca) entre *que* integrante e *ca* (*ca* começa a desaparecer logo no século XV) e à existência de conectores, ou conjunções, com valor temporal (*hu*) e de qualidade (*quegendo/quejando*), que também se perderam:

ca integrante	hu integrante	quegendo integrante
<i>di-lhe ca eu bevo a poçonha</i>	<i>non sabemos hu nós somos</i>	<i>ouvi e aprende quegendo foi dentro en sa alma</i>

Quanto às *subordinadas relativas*, que desempenham a função de um adjunto adnominal oracional e são introduzidas por um pronome relativo (aquele que recupera anaforicamente um antecedente), também aqui há formas que se tornaram arcaizantes: outra vez *ca*, *hu* e ainda *cujo*, que na Idade Média, além de determinante, podia ser núcleo de um SN:

hu relativo	cujo relativo (em função substantiva)
<i>levaron-no per aquel logar hu ardia a cidade</i>	<i>e o nobre Venancio cuja era a vila</i>

Também o emprego de *qual* relativo se modificou: por um lado, podia dispensar o determinante, se bem que o par *o qual* também pudesse ocorrer (*tan gram prazer qual non poderia recudir de nen hũa cousa temporal*); por outro lado, podia surgir num emprego enfaticamente anafórico e demonstrativo, seguido do mesmo nominal que já o antecedia (*e vio a ssombra da carne que levava na boca, a qual sombra parecia a elle que era duas* - exemplo do século XV, do *Livro de Esopo*).

Quanto à ordem de palavras, nestas subordinadas ela podia deixar de ser directa pela extrapolação do relativo, assim separado do seu antecedente pela introdução de um ou mais constituintes (*e por esso diss'el que aqueles juizos de Deus pronunciou el que sairan ja da sa boca*).

Depois das subordinadas completivas e das relativas, considera Rosa Virgínia as *subordinadas circunstanciais*, cuja função sintáctica é de adjunto adverbial oracional: são, semanticamente falando, as subordinadas temporais, causais, finais, modais, consecutivas, condicionais e concessivas. Os conectores que as introduziam no período arcaico puderam, mais uma vez, cair em desuso. Vejam-se os temporais desaparecidos (alguns apenas por mudança fonética): *des que*, *des quando*, *d'hu*, *ante que*, *mentre*, *ementre*, *dementre*, *dementres*, *domentre*, *sol que*, *toste que*, *depós*, *depós que*, *empós que*, *ata que*. Dos conectores finais, desapareceu *por tal que* (*enviou 6 fraires ao reino de Marrocos por tal que pregassen a santa* (Huber, 1986:491); dos modais, *en guisa que* e *en tal que* (*caeu con el e logo lhi quebrou a perna en guisa que o osso se partiu; quis dar a seu filho molher manilha en tal que fosse acabada a promessa que Nosso Senhor prometera*). A forma *guisa* também integra um conector arcaizante, de valor consecutivo, *en tal guisa que*. Do elenco dos restantes conectores exclusivos do português arcaico (ora fonética, ora lexicalmente), considerem-se ainda:

conectores condicionais arcaicos	conectores concessivos arcaicos	conectores finais arcaicos (em construção infinitiva)	conectores causais arcaicos (em construção infinitiva)
si <i>e ssi este for morto sen semmel, o maior filio agia o reino</i> (séc. XIII, <i>Testamento de Afonso II</i>)	macar <i>eu cuido que me non possades valer ja, macar vus queirades</i> (Huber, 1986:501)	pera <i>non dizes tu esto senon pera non fazeres o que te homen roga</i>	per <i>ca todas aquelas vezes que nós per muito cuidar saimos fora de nós caemos en tan grandes cuidados</i>
	pero <i>e tanto creceu a agua derredor da</i>		

	<i>eigreja e pero as portas da eigreja estavam abertas e a agua corresse derredor, non entrou dentro na eigreja</i>		
--	---	--	--

Coordenação - As orações coordenadas que, ao contrário das subordinadas, não são dependentes, iniciavam-se na Idade Média por algumas conjunções coordenativas que não mais se empregaram:

Coordenação disjuntiva	coordenação opositiva	coordenação conclusiva	coordenação explicativa
vel <i>que romeu en Salas vel a santos seus altares hũa oferenda desse (Cancioneiro medieval)</i>	pero <i>de e por amor de Deus dade-lhi que cómia e que beva, pero sabe Deus que morto he</i>	ergo <i>e pois o Padre e o Filho e o Spiritu Santo son hũũ Deus e hũa sustança. Ergo porque o filho de Deus disse que verriã eles o Espiritu Santo?</i>	ca <i>padre, aqieste por que me tu rogas vejo eu que non he monje, ca o seu coraçon junto anda con os enmiigos do linhagen d'Adam</i>

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, D. G. & NASCIMENTO, M. *Gramática histórica*. São Paulo, Ática, 1968.
- CARDOSO, W. & CUNHA, C. *Estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.
- WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 6ª ed., 1994.
- SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo, Contexto, 1999.
- CARDEIRA, E. *O essencial sobre a história do português*. Lisboa, Caminho, 2006.
- COUTINHO, I. S. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 7ª ed., 1976.
- DEUTSCHER, G. *The Unfolding of Language*. New York, Metropolitan Books, 2005.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília, Universidade de Brasília, 1964.

CADERNO DE ATIVIDADES

1. Observe as palavras abaixo:

pera → piriforme
 boca → bucal
 letra → literatura
 artelho → articulação
 lobo → lupino

Por que, nas palavras primitivas, aparecem as vogais tônicas /e/ e /o/, enquanto nas derivadas aparecem /i/ e /u/?

2. Explique por que os étimos latinos abaixo resultaram em palavras portuguesas com menor número de sílabas. Lembre-se que a manutenção da sílaba tônica do latim é regular na formação das línguas românicas:

anima > alma

asinu > asno

calidu > caldo

generu > genro liberu > livre littera > letra
 maceru > magro teneru > tenro umeru > ombro

3. As consoantes intervocálicas surdas do latim vulgar tenderam a se sonorizar no português e no espanhol. Observe o quadro abaixo e explique o que aconteceu com essas mesmas consoantes em francês e que eventos históricos explicariam isso:

LATIM	PORT./ ESP.	FRANCÊS
vita	vida	vie [vi]
securu	seguro	sûr [syr]
fata	fada / hada	fée [fe]
focu	fogo / fuego	feu [fø]
amicu	amigo	ami
lupu	lobo	loup [lu]

4. Explique a presença da consoante sublinhada na palavra da direita e sua ausência na palavra da esquerda:

cruel → crudelíssimo fiel → fidelidade frio → frígido
 ler → legível nu → nudismo pé → pedal

5. Explique a alternância /v/ ~ /b/ nas palavras abaixo:

árvore → arbóreo dever → débito dúvida → dúbio
 livre → libertar móvel → mobilidade névoa → nebuloso

6. Explique as seguintes transformações:

apicula > abelha macula > malha oculu > olho
 rotula > rolha tegula > telha vermiculu > vermelho

7. Em algumas variedades do português brasileiro, a evolução *-ct-* > *-it-* (*octu* > *oit*) avançou mais uma etapa, gerando uma consoante africada [tʃ], donde as pronúncias [mũtʃu], [letʃi] e [otʃu] para o que se escreve *muito*, *leite*, *oit*. Essa mesma transformação ocorreu em espanhol, onde temos *mucho*, *leche*, *ocho*, em que o dígrafo CH representa a consoante africada [tʃ]. Formule uma hipótese para explicar essa evolução.

8. A assimilação e a dissimilação são fenômenos que explicam transformações ocorridas na língua, e algumas das que ocorrem hoje em dia. Exemplo de assimilação: *causa* > *cousa*, em que o /a/ se fecha por influência do /w/, mais fechado. Exemplo de dissimilação: *cousa* > *coisa*, em que o /u/, muito próximo do /o/ original, se dissimila em /i/ para tornar o ditongo mais claro. Observe os exemplos abaixo e identifique em quais deles houve assimilação ou dissimilação, apontando os elementos que sofreram a ação assimilatória ou dissimilatória:

cheiro > [ʃeru] colonello (ital.) > coronel
 feito > f[ɐ]ito (port. europeu) ipse > esse

lacte > laite > leite

propriu > próprio (arcaico e dialetal)

rostrum > rosto

persona > pessoa

registrum > registo (port. europeu)

rotundu > redondo

9. Por que muitos adjetivos portugueses, como *grande*, *triste*, *comum*, *leve*, *circense*, *fugaz*, *veloz*, *atroz* etc. apresentam uma forma única para o masculino e o feminino?
10. As terminações -o e -a não eram, em latim, marcas morfológicas exclusivas do masculino e do feminino (na 3ª declinação, por exemplo, as palavras terminadas em -do, -go, -io eram todas do gênero feminino). Como se explica que elas tenham adquirido essa característica em português, a ponto de se transformarem em morfemas, isto é, em entidades abstratas?
11. No português arcaico, as palavras *planeta* e *cometa* eram usadas no feminino (como até hoje, aliás, em francês). Relacione esse fato com o uso da palavra *grama*, no português brasileiro atual, no feminino (*duzentas gramas*), apesar da tradição gramatical prescrever o gênero masculino.
12. Muitos falantes do português brasileiro (incluindo falantes urbanos e escolarizados) dizem *o alface*, *o aguardente*, *o couve*, *a dó*, *a tomate*, *o ferrugem* etc., contrariamente ao que prescreve a tradição gramatical. Qual a possível origem desses usos não-normativos?
13. As palavras *nariz*, *sal*, *leite*, *mel* e *sangue*, todas masculinas em português (e masculinas ou neutras em latim), se tornaram femininas em espanhol: *la nariz*, *la sal*, *la leche*, *la miel*, *la sangre*. Por que isso foi possível?
14. De que maneira a transformação da desinência -a num verdadeiro morfema de gênero influenciou o tratamento dos neutros plurais na evolução do latim ao português?
15. Na abordagem da morfologia do número dos nomes em português, os autores Cardoso e Cunha contestam a abordagem que se encontra nas gramáticas expositivas. Segundo eles, “não é rigorosamente certo dizer que as palavras fazem os plurais com acréscimo de -s às formas do singular”, nem que as palavras terminadas em -l “mudam” o -l em -is, “como se costuma dizer”. Aqui se presencia o embate entre duas perspectivas distintas de análise da língua. Que perspectivas são essas e a qual delas os autores parecem se filiar?
16. O futuro do indicativo do latim clássico (*amabo*, *amabis* etc.) não sobreviveu nas línguas românicas, onde foi substituído por uma perífrase (*amar hei* > *amarei*). Atualmente, porém, esse futuro românico também começa a perder terreno no uso. Que nova perífrase o substituiu, sobretudo na língua falada?
17. Tendo em mente os fatos históricos que determinaram a formação do reino de Portugal e a constituição de uma língua própria desse território, que veio a se chamar “português”, responda: por que, ao contrário do que se poderia

supor, o conjunto das *palavras hereditárias* do léxico português não provém inteiramente do latim?

18. O que diferencia as palavras hereditárias das palavras de empréstimo, no tocante à forma que assumem na língua que as recebe?

19. Leia o seguinte enunciado:

O office-boy flertava com a baby-sitter na loja country do shopping-center.

Por que podemos dizer que, apesar dos anglicismos, esse enunciado é um exemplar característico da língua portuguesa?

20. Segundo Cardoso e Cunha, os empréstimos constituem “verdadeiros atentados contra os hábitos fonéticos da língua”. Isso se verifica nos pares de palavras abaixo:

arena	areia	
botica	bodega	
líbero	livre	
maestro	mestre	
ópera	obra	
piano	chão	
solo*	só	*termo usado em música
sonata	soada	

De posse do que se estudou até agora, identifique os “hábitos fonéticos da língua” que não atuaram nas palavras da primeira coluna. Pesquise a datação das palavras para justificar a manutenção de traços característicos das línguas de origem dos empréstimos. Para a datação, recorra, por exemplo, ao *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* ou ao *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha.

21. A criação de vocábulos eruditos permitiu (e permite) o enriquecimento do léxico da língua para suprir necessidades nos mais diversos campos de conhecimento especializado (artes, ciências, tecnologia etc.). Compare-se, por exemplo, o restrito número de derivados de *dedo* e a grande quantidade de derivados do radical latino *digit-*:

(i) *dedo* → *dedada, dedal, dedalar, dedalário, dedaleira, dedaleiro, dedão, dedar, dedeira, dedejar, dedilhação, dedilhado, dedilhador, dedilhamento, dedilhante, dedilhar, dedilhável, dedo-durar, dedurar* etc.

(ii) *dígito* → *digitação, digitado, digitador, digital, digitalado, digitálea, digitaleático, digitaleato, digitaléico, digitaleína, digitaleínico, digitalênico, digitaleno, digitáleo, digitalético, digitálico, digitálide, digitaliforme, digitaliformia, digitaligenina, digitaligenínico, digitalina, digitalínico, digitalinização, digitalinizado, digitalinizador, digitalinizante, digitalinizar, digitalinizável, digitális, digitalismo, digitalístico, digitalização, digitalizado, digitalizador, digitalizante, digitalizar, digitalizável, digitalona, digitalônica, digitalosamina, digitalosamínico, digitalose, digitalósico/digitalótico, digitante, digitar, digitária, digitável, dígitte, digitífero, digitifoliado, digitiforme, digitigrado, digitina, digitinervado, digitínico, digitipalmado, digitipenado, digitipene,*

digitipinado, dígito, digitofilina, digitogenina, digitogenínico, digitonina, digitonínico, digitoplar, digitoplastia, digitoplástico, digitoxigenina, digitoxina, digitoxínico, digitoxose, digitoxósico/digitoxótico; indigitação, indigitado, indigitamento, indigitar.

Faça um levantamento semelhante para os pares *frio-frígido, olho-óculo e chão-plano*.

22. Explique as seguintes ocorrências, muito comuns em diversas variedades do português brasileiro (inclusive as variedades urbanas prestigiadas):

eu ponhei (pus)
 ele interviu (interveio)
 eu me entreti (entretive)
 ele róba (rouba)
 vê se manéra! (maneira)
 eu tinha chego (chegado)
 se ele vinher (vier)

23. Explique as seguintes ocorrências, muito comuns na fala infantil:

eu não sabo (eu não sei)
 eu fazi (eu fiz)
 eu pido (eu peço)
 se eu sesse (se eu fosse)
 eu di (eu dei)

Por que essas formas analógicas desaparecem à medida que a criança vai crescendo?

24. Se não existiam palavras de acentuação oxítona em latim, como se explica o caso de *falar, dever, partir, fazer, mulher, fiel, leal, juiz*, todas oxítonas em português?
25. Muitos dos metaplasmos detectados na história passada da língua podem ser observados hoje, em variedades regionais e/ou sociais do português brasileiro. Explique os processos de mudança verificados nos seguintes casos:

árvore > arvre > arve	problema > probrema > pobrema
coroa > croa	saudade > sodade
córrego > corgo	tocaia > tocalha
cubículo > cuvico	trem > terém
muamba > muvamba	uniforme > o liforme
música > mu[z]ga	universidade > univessidade
parceiro > paricero	víbora > briba